

# SEMANÁRIO MARÉ VIVA

DIRECTOR INTERINO: ANTÓNIO GAIO • DIRECTOR-ADJUNTO INTERINO: ANTÓNIO CAVACAS • ANO XXIII - N.º 1086 • ESPINHO • 22-04-99 • PREÇO: 80\$00 (IVA Inc.)

Ténis

**AXA Open  
em Espinho  
a partir  
do dia 26**

**ABRIL  
25  
ANOS**

**A Comissão Administrativa  
da Câmara Municipal  
- tempos de mudança**

**O teatro na manifestação  
- uma 'gota de mel'  
na revolução**

Crónicas • Depoimentos • Comemorações

Voleibol

**SP. ESPINHO  
PENTACAMPEÃO**

**Tea'tramar: mais dois  
espectáculos no dia 24**

**'A Viagem'**

- teatro de rua em frente ao casino

**'Que vão os meus  
generais fazer?'**

- teatro à meia-noite no Auditório Nascente





## Reunião de Câmara

## Antigo Centro de Saúde vai ser vendido

Em reunião efectuada na passada sexta-feira, a Câmara deliberou, por maioria, alienar em hasta pública o prédio urbano sito no ângulo das ruas 20 e 21 (antigo Centro de Saúde). A base de licitação foi fixada em 300 mil contos.

A proposta, apresentada por Rolando de Sousa, presidente em exercício dada a ausência de José Mota, em visita ao Brasil, foi fundamentada em duas ordens de razões: por um lado, a receita gerada - prevista no Orçamento - vai permitir financiar investimentos contemplados no Plano de Actividades; por outro lado, do ponto de vista urbanístico, há interesse em construir um edifício que, repetindo um estudo existente desde 1971, harmonize aquele espaço tendo em conta os dois prédios vizinhos.



Refira-se que o estudo prevê a construção de um espaço coberto sobre a Rua 21, a partir do 2.º andar do edifício a norte, e a continuação da galeria de peões já existente na Rua 20, nos restantes edifícios situados entre as ruas 19 e 23.

Esta proposta agora aprovada mereceu o voto contra dos vogais do PSD, Armando Jacinto e Luís Montenegro que, em declaração de voto manifestaram a sua discordância pela "política de delapidação do património vendível seguida por esta Câmara", considerado, a par com a capacidade de endividamento, "o garante do investimento futuro". Os vereadores do PSD são de opinião que, de futuro, a Câmara deverá ser "ter a imaginação capaz de originar novas fontes de receita, nomeadamente rentabilizando os investimentos". ■

## Comemorações do 25 de Abril

O 25.º aniversário da Revolução vai ser assinalado por várias instituições e associações. Aqui fica um resumo dessas iniciativas.

**O PONTO ALTO** das comemorações levadas a efeito pela Câmara Municipal é a inauguração de um monumento evocativo, da autoria do escultor espinhense Manuel Dias. A obra ficará colocada na rotunda da Rua 33 e será inaugurada pelas 11 horas.

O programa inicia-se no dia 23, com a realização, no Cine-Teatro S. Pedro de um espectáculo com artistas de Espinho. O cartaz é composto por Adelaide Caralinda, Jorge Pina, José Veiga, José Vasconcelos, Tino Teixeira e Tó Vasconcelos. O espectáculo tem início às 22 horas. No mesmo dia e à mesma hora, será inaugurada a iluminação do campo de Cassufas, disputando-se um jogo de futebol entre selecções de futebol popular da freguesia de Anta e das restantes freguesias do concelho.

No dia 24, a partir das 15 horas, será pintado um mural na Rua 19. À noite, será representada a peça "Que vão os meus generais fazer?", integrada no Teatro - I Encontro de Teatro de Espinho. Finalmente, no dia 25, decorre uma sessão solene da Assembleia Municipal, com início marcado para as 11h30. Antes, pelas 10 horas, será dada a partida para a X Volta a Espinho em atletismo. Às 17 horas, no campo de Cassufas, procede-se à abertura dos V Jogos Populares de Espinho.

**A CDU DE ESPINHO** vai adaptar uma tradição secular portuguesa para assinalar a data, organizando a "Queima da Velha Senhora", que será imolada pelo fogo na praia da Baía, à meia-noite do dia 24 de Abril, dando pretexto a um convívio animado com canções de Abril. Também incluídas nas comemorações da data organizadas pela CDU estão uma visita à Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira e a realização de um almoço no dia 25. Por seu lado, a JCP vai animar as ruas da cidade durante a tarde de domingo.

**A JUNTA DE FREGUESIA** de Silvalde vai assinalar os 25 anos do 25 de Abril com a realização de uma noite de fados de Coimbra, pelo grupo "Do Choupal Até à Lapa". A iniciativa tem lugar na sexta-feira, dia 23, no salão polivalente da Junta de Freguesia, com início marcado para as 22 horas. A entrada é livre.

**A ESCOLA SECUNDÁRIA** dr. Manuel Laranjeira vai assinalar a efeméride com diversas iniciativas. Em destaque estarão um debate sobre duas gerações de jovens, com as presenças de Rosa

Mota e dos jornalistas Joaquim Fidalgo e Margarida Fonseca e a exposição de um conjunto de documentos relativos à Revolução dos Cravos. As actividades emceram com um outro debate, subordinado ao tema "Que futuro para um país de Abril?", em que participam Miguel Guedes, vocalista do grupo Blind Zero, Luís Alves, da Federação de Associações Juvenis do Porto e Rita Siza, jornalista do "Público".

**A "ONDA POÉTICA"**, iniciativa que reúne os amantes de poesia na Livramar, na primeira quarta-feira de cada mês, vai realizar uma sessão especial, comemorativa do 25.º Aniversário do 25 de Abril, que decorre no sábado, dia 24, com início às 21h30.

**O RIO LARGO** Clube de Espinho vai comemorar o 25 de Abril com a realização de vários eventos desportivos. Assim, no sábado, dia 24, pelas 11 horas, tem lugar uma corrida de sacos. Às 15 horas inicia-se o torneio triangular de futebol de veteranos, entre as equipas do Rio Largo, Torres Novas e Soutense. No domingo, dia 25, pelas 10h30, a equipa de séniores do rio Largo defronta a equipa de juniores do Sp. Espinho. Às 15 horas tem lugar um torneio de malha. Pelas 15h30 inicia-se uma outra partida, desta vez com as equipas de juvenis do Rio Largo e do Est. Divisão.

**UMA CENTENA** de jovens espinhenses vão participar na festa comemorativa dos 25 anos do 25 de Abril, que o Instituto Português da Juventude organiza no Pavilhão Rosa Mota, no Porto. A festa, que vai contar com as presenças do Presidente da República, Jorge Sampaio, e do Primeiro-Ministro, António Guterres, encerra-se com um concerto em que, entre outros grupos, actuam os Silence 4 e os Blind Zero.

Os jovens espinhenses serão seleccionados pela Associação de Desenvolvimento do Concelho de Espinho, que adaptará como critério privilegiar aqueles com menores possibilidades de participar em eventos desta natureza e que se encontrem incluídos em actividades desenvolvidas pela Associação. ■

## Representação cancelada

O espectáculo de rua "A Viagem", que deveria ter lugar no próximo sábado, no largo em frente ao Casino, não irá realizar-se. Os motivos prendem-se com a indisponibilidade de última hora dos responsáveis, um grupo de alunos da Academia de Artes e Espectáculos do Porto. ■

## Dr. Vitor Hugo

MÉDICO DENTISTA

SAMS - S. QUADROS - C.G.D. - ACASA - P.S.P.

Rua 19 n.º 342, 1.º - Sala 4 - Telef. 731 27 70  
ESPINHO

## Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582 - 1.º esq.  
Sala 3 - Telef. 7343811

ESPINHO

Óptica PIRES

Melhor  
É ImpossívelRUA 14 N.º 725 • 4500-233 ESPINHO  
TELEF. (02)7340296 • FAX (02)7311663

## Lia do Amaral

Licenciada em Direito  
SolicitadoraCom atendimento de 2.ª a 6.ª feira  
das 9 às 13 e das 14 às 18 horas com marcação

Rua 23, 344, 1.º Sala E - 4500 Espinho - Tel/Fax: (02) 732 14 33

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO

## EDITAL

Alteração à Ordem de Trabalhos da Sessão Pública do dia 23 de Abril de 1999

**CARLOS AFONSO PINHEIRO DE MORAIS GAIO, presidente da Assembleia Municipal de Espinho.**

Faz público, que por solicitação da Câmara Municipal, foi introduzido um novo assunto na Ordem de Trabalhos, que passará a incluir os seguintes pontos:

- 1 - Aprovar o Relatório de Actividade e a Conta de Gerência de 1998.
- 2 - Deliberar sobre a alteração da tabela de taxas e licenças "Piscina Solário Atlântico, balneário marinho e praia concessionada".

3 - Deliberar sobre o pedido de autorização para aquisição de terreno "PER - Marinha de Silvalde".

4 - Deliberar sobre o pedido de autorização para aquisição de terreno destinado a construção do Estádio Municipal.

5 - Deliberar sobre o pedido de autorização para alienação de um prédio urbano sito no ângulo das ruas 20 e 31.

6 - Apreciar a informação escrita do presidente da Câmara, acerca da actividade municipal.

De acordo com o regimento em vigor, as primeiras duas horas e meia da Sessão destinam-se à apreciação das matérias constantes do Período de Antes da Ordem do Dia.

Para constar se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo do município.

Espinho, 14 de Abril de 1999

O presidente da Assembleia Municipal  
Carlos Morais Gaio

## ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE PARAMOS

## EDITAL

**Joaquim Meneses Cardoso Ferreira, presidente da Assembleia de Freguesia de Paramos.**

Faz público, de acordo com as disposições legais aplicáveis que no próximo dia 27 de Abril de 1999, pelas 21h30, se realizará na sede da Junta de Freguesia de Paramos a 1.ª sessão ordinária do ano de 1999 desta Assembleia, que versará a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - Aprovação da acta da sessão anterior.
- 2 - Período antes da ordem do dia.
- 3 - Deliberação sobre a capela mortuária.
- 4 - Apreciação e aprovação do relatório de contas de 1998.

Para constar, se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares de estilo da freguesia.

Paramos, aos 16 de Abril de 1999.

O presidente da Assembleia  
Joaquim Meneses Cardoso Ferreira



## José Mota agraciado no Brasil

O presidente da Câmara Municipal, José Mota, foi agraciado com o título de sócio benemérito da Real Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, um reconhecimento do seu "importante contributo que vem dando na promoção dos laços de cooperação entre a Beneficência e as instituições portuguesas".

Na sequência do programa estabelecido para a sua visita ao Brasil, José Mota viu confirmada a realização em Espinho das I Jornadas Luso-Bra-

sileiras de Medicina e Cooperação, que decorrerá entre 20 e 22 de Setembro.

Na audiência que manteve com o prefeito do Rio de Janeiro, Luís Paulo Conde, foi confirmada a sua deslocação a Espinho, para assistir às Jornadas e também aos festejos populares de Nossa Senhora da Ajuda.

José Mota deslocou-se entretanto para S. Paulo, onde assistiu às comemorações da Descoberta do Brasil e participou no aniversário de um espinhense radicado naquela cidade.

## Jovem de 17 anos mortalmente atingida

Uma jovem espinhense de 17 anos foi mortalmente atingida pelo comboio. A ocorrência deu-se cerca das 17 horas da passada segunda-feira. As circunstâncias em que se deu este incidente levam a supor que se terá tratado de um suicídio. ■

## Centenário do concelho em debate

O ciclo de debates promovidos pela "Tertúlia Livramar", integrados no programa comemorativo do centenário do concelho de Espinho organizado por aquele grupo, inicia-se na próxima quinta-feira, dia 29 de Abril. Este primeiro debate tem por tema "Espinho:

Os Primeiros Cem Anos" e terá lugar no salão da Assembleia Municipal, com início às 21h30. O painel de oradores é constituído por Francisco Azevedo Brandão, Carlos Gaio, Nuno Barbosa e António Teixeira Lopes, moderados por Nunes Carneiro. ■

## Mostra de fotografia

O Núcleo de Fotografia de Espinho - Infinito Zero, vai levar a efeito uma mostra de trabalhos realizados pelos seus membros no campo da fotografia estenopeica. A exposição, patente na Livramar durante o horário de funcionamento, será inaugurada na sexta-feira, dia 23, pelas 21h30, encerrando no próximo dia 5 de Maio. ■

## Recepção do Mod. 3 de IRS

A Repartição de Finanças de Espinho vai ter em funcionamento um posto de recepção de declarações modelo 3 de IRS - 1998, desde o dia 26 ao dia 30 de Abril, inclusive, no

horário compreendido entre as 17h30 e as 20h30. Recorde-se que estas declarações de destino destinam aos contribuintes que têm rendimentos das categorias B, C, D, E, F e G. ■

## Cruzeiro celebra aniversário

A Associação Desportiva Cruzeiro de Silvalde vai assinalar a passagem do seu 43.º aniversário com a realização de várias eventos.

Assim, no dia 23, terá lugar um torneio de sueca e no dia 24 um torneio de tiro ao alvo. No dia 25, pelas 8 horas, será rezada missa na Igreja de Silvalde, seguida de romagem ao cemitério. Nesse mesmo dia será

realizada a final da taça 25 de Abril, que opõe o clube aniversariante aos Leões Bairristas. Dos dias 26 a 30 terão lugar torneios de dominó, damas, copas, ralhada e matrecos. Os prémios serão entregues durante um jantar convívio, a realizar no dia 1 de Maio. Os interessados em participarem nos torneios devem fazer a sua inscrição no próprio dia, na sede do clube. ■

De vez em quando



CARLOS SÁRRIA

## Vejamos

1. Notícia-se que, a breve prazo, Porto-Lisboa ou vice-versa em comboio, nos famosos "pandolinos" demorará cerca de duas horas, mais coisa, menos coisa. Intrigante! Como será possível, quando o problema do atravessamento da nossa terra ainda não está solucionado? Afinal, quem explica ao povo qual é a solução? Estamos à espera de quê?

2. Não há guerras boas ou más. São péssimas, horrorosas, condenáveis, lamentáveis. As vítimas são os povos, particularmente as crianças, os idosos e os doentes. Os mandantes - e os seus - continuam a viver bem, comer melhor, imunes e, incrivelmente, sem problemas de consciência perante os horrores capazes de impressionar qualquer ser humano. Abaixo as manifestações a condenar ou apoiar o lado A ou o B. Manifestações sim, contra qualquer guerra, só possível para favorecer interesses do comércio de armamentos, poderio económico, ganância do poder, divisões étnicas, etc.

3. Há 25 anos aconteceu o 25 de Abril. Novos horizontes se rasgaram para este país. Traçaram-se rumos diferentes, substituíram-se antigos processos, prometeu-se corrigir distorções, acabar com injustiças, etc, etc. Volvidos 25 anos, nem tudo está cumprido. Afinal, os "grandes" clãs dominantes, que eram meia dúzia, hoje são mais e mais dominantes. O fosso entre ricos e pobres não diminuiu, acentuou-se. A redistribuição da riqueza gerada não passou a ser mais justa, pelo contrário, o "capital" ainda está melhor que o "trabalho". Vinte e cinco anos não bastaram para corrigir este e outros aspectos, muitos deles que justificaram o 25 de Abril. É bom fazer o balanço, meditar, tirar ilações.

4. foi importante unidade industrial desta terra, de dimensão nacional e não só. Empregadora de muita gente e, ao que se sabia, um bom emprego. Por isso, é doloroso ver as máquinas derrubarem a Luso-Celulósida. Logo no anos do centenário do concelho, sabendo-se como fez parte da sua história, com imagem bem positiva, sendo de lamentar quantos perderam o seu posto de trabalho, durante tantos anos garantido. Os erros humanos saem caro. Só que uns são mais vítimas do que outros.

5. Levo seis dezenas de anos de vida, mais uns pozinhos. Sinceramente, não me recordo de assistir (ou sequer ter lido) a um fenómeno destes. Inaugurar-se uma unidade de utilidade pública, com pompa e circunstância e, um mês depois, continuar encerrada, quando no dia da festa já deveria estar ao serviço do público. Obviamente, falo da piscina municipal renovada, particularmente da "aquecida" e da zona da talassoterapia, que podem funcionar todo o ano. Inédito e inovador! Por este sistema, um dia destes inaugura-se o estádio municipal e ... depois faz-se!

6. "Surf" já é uma actividade desportiva normal na nossa praia. Ainda na semana finda, tivemos cá uma competição de índole internacional. Contudo, os praticantes continuam a vestir-se e despir-se na via pública, faltando local apropriado, passível de lhes proporcionar outras condições, para quem vai praticar um desporto, inclusive de características especiais. É assim como os futebolistas em vez de terem cabanas se equipassem ou desequipassem no terreno de jogo.

7. Continua prenhe de casos, suspeições, intrigas, ameaças, afrontamentos, tricas, etc, o futebol indígena. Mantenho a minha: a culpa maior é dos (maus) dirigentes. E são muitos, embora não pareça. Claro, bem auxiliados pelos adeptos alienados, pelos meios de comunicação, porquanto as notícias são essenciais às guerras de audiências e para a venda dos periódicos de edição diária. Sem isso, não sobrevivem.

8. Angola, Kosovo, Jugoslávia, Timor e tantos mais. No dealbar do novo século, países em conflitos, genocídios, crimes, fome, miséria, desumanidade, etc. Existe uma ONU para quê? Dualidade de critérios. Impotência declarada. Demagogia às toneladas. Incapacidade de acção. E quanto custa? tal como é, como actua, justifica a sua existência? ■

**Sinceramente, não me recordo de assistir a um fenómeno destes. Inaugurar-se uma unidade de utilidade pública, com pompa e circunstância e, um mês depois, continuar encerrada, (...). Obviamente, falo da piscina municipal renovada(...).**

### SEMANÁRIO MARÉ VIVA

**DIRECTOR INTERINO** António Gaio  
**DIRECTOR-ADJUNTO INTERINO** António Cavacas  
**CHEFE DE REDACÇÃO** José Barrosa  
**REDACÇÃO** Abílio Adriano, João Teles, Manuela Lima Barrosa  
**FOTOGRAFIA** Cassiano Soares  
**CARTOON** Nestinho, Vítor Hugo  
**COLABORADORES** Carlos Humberto Cruz, Carlos Luís Gaio, Henrique Gomes, Marcelino Nunes, Rafaela Vieira Santos  
**COLUNISTAS** A. Correia de Araújo, Antero Monteiro, Carlos Campos, Carlos Sárria, Jorge Carvalho, José Luís Peralta, Mário Cáliz, Nunes Carneiro, Rui Abrantes  
**COLABORAÇÃO ESPECIAL** Carlos Morais Gaio  
**REDACÇÃO E COMPOSIÇÃO** Rua 62 n.º 251 - Espinho  
 Telef. 7320377 - Fax 7346015  
**PROPRIEDADE E EXECUÇÃO GRÁFICA** NASCENTE - Cooperativa de Acção Cultural, CRL - Espinho - Telef. 7341621 / 7344611  
**TIRAGEM DESTA NÚMERO** 1.500 exemplares  
**DEPÓSITO LEGAL** 2048/83



## Rádio Globo Azul

...A PURA SEDUÇÃO DA RÁDIO

RUA 14 N.º 648 - 3.º A  
 4500 ESPINHO  
 Tel. 7347216 / 7312303  
 Fax 7348470

## MODAS J. GOMES

de José Gomes Fernandes

TUDO PARA HOMEM E SENHORA

GALERIAS SABINUS - Rua 8 n.º 589 - Lojas 1 e 3  
 4500 ESPINHO

## Loja das Miudezas

José Manuel Queirós

Retrosaria - Botões - Lingerie  
 Interiores Homem - Collants

Rua 23 N.º 447 - 4500 ESPINHO - Telef. 7314174

## Fonseca

TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 7340413  
 ESPINHO

Francisco de Oliveira

SOLICITADOR

ESC.: Rua 19 n.º 405 - 2.º C  
 Tel. 7320680  
 RES.: Rua Padre Sá n.º 201  
 Paramos - Espinho  
 Tel. 7345190





José Mota

## “Bebedeira de Liberdade”

**Assinalando o 25.º aniversário do 25 de Abril, o ‘MV’ convidou várias figuras de Espinho a relembrem aquele dia e os que se lhe seguiram, falou com membros da Comissão Administrativa e recordou um episódio “dramático”.**

**Manuel Moreira dos Santos (‘Manuel da Areia’)**

### 25 de Abril? Sim, sempre!

Escrever descrevendo esse dia revolucionário, esse dia libertador, esse célebre dia 25 de Abril de 74, é extremamente difícil, porque, por mais que se escreva, há sempre muito que fica por contar e, por muito que se conte, há sempre algo que fica de parte e que não se consegue escrever, descrever, nem muitas vezes perceber - o sentimento que se vivia na altura.

O regime que o 25 de Abril derrubou foi um regime fascista, uma ditadura assente no medo, na imposição de ideias pela força, na repressão, um regime bruto e mesquinho. E, quando se fala da revolução de Abril, contam-se estórias e pormenores, porque são os muitos e muitos pormenores e estórias que nos fazem perceber a história.

Quando me perguntam “Oh Manuel, aonde é que estavas no 25 de Abril?”, eu respondo simplesmente “Estava em casa, pronto para ser preso pela PIDE apenas por pensar que o meu país merecia outro destino” - é verdade!

Tinha eu 38 anos quando o MDP apresentou a candidatura de Norton de Matos à presidência, foi nesta altura que eu percebi ser possível derrubar esse regime e dar aos portugueses aquele país com que eles sonhavam; apesar de esta campanha e eleições não terem ido avante, apercebi-me do meu sentimento como comunista e como socialista. Daí em diante, a minha participação activa neste movimento foi uma constante.

Foi através desta minha intervenção enquanto homem de esquerda que, já em 1973, participei em mais uma assembleia clandestina; no entanto, esta assembleia foi diferente. Reuniram-se na Marinha Grande pessoas de todos os distritos do país ligadas ao MDP e ao PCP, reunião esta que era, para o regime da altura, algo de extremamente subversivo e que não podiam permitir. Assim, a PIDE cercou toda a fábrica onde decorria a reunião e ficou à espera da nossa saída para nos prender. Face a isto mesmo, nós, conscientes do perigo que corríamos, decidimos sair todos juntos.

Saimos nos nossos carros, mais de 30, e, obviamente, os pides obrigaram-nos a parar, o que nós fizemos, mas, ao mesmo tempo, começámos todos a apitar para alertar a população do que ali se estava a passar - passados poucos instantes, todas as pessoas em redor estavam acordadas e acorreram às janelas para apreciar o “espectáculo”. Os pides, para não ficarem mal vistos e não gerar alarido, não nos prenderam, apenas nos identificaram e deixaram-nos seguir o nosso caminho. No entanto, esta atitude tão pacífica da polícia política “tinha água no bico” e, dias depois, começaram a prender todos aqueles que haviam participado nessa assembleia, mas essas prisões e consequente tortura faziam-se dois a dois, para não alarmar a população. A minha detenção estava prevista, segundo fui informado, para a noite de 24 para 25 de Abril.

Essa célebre madrugada de 25 de Abril teve, para mim, um início duríssimo, pois estava consciente que poderia ser a última que passava com a minha família. Assim, comecei por tentar explicar à minha esposa o inexplicável, que iria ser detido, por pensar de forma diferente do regime.

Eis que, por volta das três/quatro horas da manhã, começa a tocar na rádio “a canção”, a “Grândola Vila Morena”, e, sendo que eu já tinha sido informado do significado dessa música, só me ocorreu uma ideia, “... já não vou ser preso!”.

Foi uma emoção enorme e a dobrar, por um lado, a nível pessoal significava que a questão da prisão já não se colocava, e, acima de tudo, uma emoção muito forte por sentir que dali em diante a vida do povo português iria seguir outro rumo.

Senti uma emoção muito forte por perceber que aquela utopia pela qual eu e muitos outros tínhamos lutado durante tantos anos deixara de ser uma utopia, tornando-se realidade.

Esta pequena estória é um pequeno pormenor que, isolado, pouco significa, mas, se a este episódio, juntarmos tantos outros pelos quais tantos outros portugueses passaram, então podemos aperceber-nos do significado tão especial desse dia e dessa luta tão intensa que lhe deu origem. É pelo conjunto de pequenas estórias destas que se pode perceber que o ideal de Abril tem de perdurar, para que os jovens de hoje e de amanhã não sofram os mesmos pesadelos dos jovens de outrora.

É por isto e muito mais que 25 de Abril, sim, sempre! ■

O 25 de Abril “apanhou-me” a cumprir o serviço militar no Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 3 (GACA 3) de Espinho - actual Regimento de Engenharia.

Quando soube da notícia, estava no quartel. Ali permaneci toda a noite, “para o que desse e viesse”. Mas era inevitável que os meus colegas e eu começássemos de imediato a festejar, situação que se prolongou por toda a noite.

Tenho de confessar que acabámos por “beber uns

copos”, apesar de o comandante interino não evidenciar um ar muito “simpático” - provavelmente não por estar contra a revolução, mas por ela o ter surpreendido.

Lembro-me, como se fosse hoje, que, naquela altura, os sentimentos dominantes que me assaltaram, por entre um verdadeiro turbilhão de emoções, foram três: Que a guerra colonial iria enfim terminar, que tínhamos readquirido a liberdade e - curiosamente - que nunca mais seríamos obrigados a ter uma licença pa-

ra usar isqueiro...

Nos dias seguintes, foi uma autêntica “bebedeira de liberdade”. Para a descrever, ocorre-me uma metáfora: quando se abre a rolha de um bom espumante, é natural que se derrame um pouco, maculando a toalha; todavia, o essencial fica dentro da garrafa. E o essencial, no caso vertente, era - e é - consubstanciado em três vertentes: democracia, desenvolvimento e liberdade, a nível político, sindical e autárquico.

Quanto às pessoas de que melhor me lembro, cito apenas algumas, de entre tantas. Pela proximidade, recordo Pacheco Pereira - então professor em Espinho e militante da extrema-esquerda -, dentro de um carro, com um megafone, na

baixa desta cidade, a apelar à realização de “comícios populares”.

E lembro-me também das agressões cometidas e das barreiras montadas contra as pessoas que se dirigiam aos comícios do Partido Socialista, tudo isso feito ou orientado por gente que acredito fosse generosa e cresse defender o melhor para si e para o povo, mas que estava profundamente enganada, como o futuro veio a demonstrar: foi o caso, entre outros, de Zita Seabra, Veiga de Oliveira, Vital Moreira, Pacheco Pereira...

Finalmente, no que se refere à vivência mais impressiva, foi, sem dúvida, a participação dos comícios no Estádio das Antas e na Alameda, em Lisboa. ■



Nuno Barbosa

## Jesus Christ Superstar

Porquê - pensarão alguns leitores - o título deste depoimento sobre o 25 de Abril de 1974? Passo a explicar.

Na noite de 24 de Abril de há vinte e cinco anos atrás fui ao Porto, mais concretamente ao Cinema Foco, a coqueluche da altura em termos de salas de Cinema, ver a ópera-rock (como à época se dizia) “Jesus Christ Superstar”. Grande filme musical, excelente banda sonora, enfim, de encher o olho... e o ouvido. Finda a função, regresso a Espinho no meu “carocha” com escala gastronómica no recém-aberto “Cufrá” ali mesmo ao pé, na Avenida da Boavista, para a degustação de uma homérica francesinha.

De papo, olho e ouvido cheios, meto-me na velha 109 e ligo o auto-rádio, uma autêntica relíquia ainda a válvulas, que precisava de um prévio aquecimento antes de “levantar fervura”.

Estranho! Músicas marciais, intercaladas com sons dos então chamados “baladeiros”! O que terá mudado, em termos de programação-rádio, desde que saí de Espinho, embalado (em todos os sentidos) pelos sons do nacional-cançonetismo, para agora, pensei eu.

No entanto, com o peso da francesinha e da caneca de cerveja, recolhi a penates, mais que predisposto para o chamado “sono dos justos”. Dito e feito: adormeci, candidamente, nos braços acolhedores dum Morfeu ainda fascista e despertei, sem todavia o suspeitar, numa manhã de neblina, naquela quinta-feira que marcava o início duma era de Liberdade!

O dia, o 25, foi quase frenético. A Televisão do Valadão vestia, ainda a medo, novas roupagens, com o Filho Gouveia a apresentar o Telejornal da

noite sem gravata (supremo desrespeito aos valores institucionais!) e a espera frente ao televisor do Café Palácio da anunciada proclamação da Junta de Salvação Nacional. Pelo meio, ficaram horas intermináveis de escuta do Rádio Clube Português, dentro em breve crismado com o “apêndice” de “Emissora da Liberdade”, conjuntamente com amigos que também tinham a consciência de que aquele momento que estávamos a viver era qualquer coisa que iria ficar na História.

Comer? Praticamente não havia tempo para isso. A Liberdade que íamos consumindo era em doses de indigestão. Regámo-la com champagne e cerveja. E, se calhar, muito sde nós, naquela altura, tal como Maria Madalena no filme que dá título a este depoimento, diziam “Eu não sei como o amar”, também púnhamos a mesma dúvida em relação à Liberdade recém-nascida. Mas, o que vale, é que rapidamente aprendemos. E ainda a amamos. ■





Flávio Bastos

## “Essa gloriosa manhã de Abril...”

Para quem durante anos viveu a ditadura e ansiou um País democrático, essa gloriosa manhã de Abril não será jamais olvidada por mim.

Saí, como de costume, para o meu emprego. Ao chegar ao Porto, notei movimentações militares e grupos de civis trocando impressões, o que me levou a perguntar

o que se estava a passar.

As notícias dadas foram para mim um choque. Pois tudo esperava nesse dia, menos isso.

Como os escritórios da Companhia onde trabalhava estavam fechados, voltei para Espinho.

Fui direito ao local onde duran-te longos anos o nosso grupo de oposição se juntava, “O Nos-

so Café”.

Aí, eufóricos, já se encontravam alguns desses amigos, que me abraçaram e onde as lágrimas não se fizeram rogadas.

Os dias seguintes foram de precaução e ansiedade, pois as notícias eram às vezes contraditórias.

Só depois da rendição do

Quartel do Carmo, a saída para fora do País de Marcelo Caetano e Américo Tomaz e a rendição da PIDE, é que sentimos finalmente a concretização da “Revolução de Abril”.

Os dias seguintes foram então de certeza e de planificações partidárias.

Não posso também esquecer a alegria dessa festa extraordinária que foi o 1.º de Maio em frente

da Câmara Municipal da Feira. Estiveram presentes o povo e os democratas dos concelhos de Espinho e Santa Maria da Feira. Aí falou o meu grande e saudoso amigo Dr. Alcides Strech Monteiro, entre outros.

Vergo-me hoje perante os meus companheiros de luta que já não se encontram entre nós.

Saúdo todos aqueles que permitiram o 25 de Abril. ■

Rolando de Sousa

## “Finalmente a Liberdade...”

Pedem-me a colaboração através de um texto que evoque a minha memória do dia 25 de Abril de 1974.

Prefiro recordar os anos que precederam o 25 de Abril. As pessoas, os livros, as músicas, os acontecimentos, os jornais, as associações que decisivamente contribuíram para a minha formação e consciência política.

Aos 17 anos comecei a trabalhar num escritório. O meu chefe era um velho lutador anti-fascista, Álvaro Quintas, várias vezes preso pela PIDE. Tivemos longas conversas sobre o Regime. As torturas por que passou eram bem visíveis no seu estado psicológico e no seu corpo. Todas as manhãs recebíamos a visita de outro grande anti-fascista, Artur Bartolo. Ia lá ler o “República” do Quintas. Conversador de grandes méritos, não perdia uma oportunidade de zurzir na ditadura. Mais tarde, voltaram a ser presos. Assisti à prisão do Álvaro Quintas pela PIDE, que o foi buscar ao escritório. Seis meses mais tarde, quando regressou, vinha num estado lastimável. Nem na caneta conseguia pegar.

A Associação Académica de Espinho, de que fui dirigente, foi, para mim, outra grande escola. Lá conheci algumas das pessoas mais marcantes na minha consciencialização. O Carlos Morais, o António Gaio, o Juca e, de alguma maneira, o dr. Amadeu Morais. Era o tempo da Secção Cultural e das conferências às sextas-feiras. Lembro-me de terem sido conferencistas Sá Carneiro, Armando de Castro, Mário Castrom, Rui Osório, entre outros.

O Rui Osório e o José Gomes Fernandes, nas longas noites de Verão no Picadeiro, foram sempre interlocutores privilegiados.

Mais tarde, já como empregado bancário, participei nas lutas sindicais. Era o tempo das manifestações da Avenida dos Aliados e das fugas às cargas policiais. O meu gerente, Augusto Baía, tinha sido do MUD Juvenil. O meu colega e amigo, Manuel Freitas, era um grande activista, forjado nas lutas sindicais.

Foram estes homens que me abriram horizontes e me fizeram compreender a crueldade do regime e ansiar pelo dia da libertação.

O Maio de 68 e a crise académica de 69, em Coimbra, foram, para mim, acontecimentos decisivos.

Era o tempo dos suplementos do “Diário de Lisboa”, do “Comércio do Funchal”, de que fui assinante, por influência do Carlos Morais. Recordo-me dos três jovens que o escreviam, hoje consagrados jornalistas: José António Saraiva, Vicente Jorge Silva e José Manuel Barroso. Era a época do “Comércio do Porto”, onde pontificavam o José António Salvador e o José Gomes Bandeira, da “Voz Portucalense”, com o Rui Osório. Das canções de combate do Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Francisco Fanhais, dos livros de Soeiro Pereira Gomes, José Gomes Ferreira, Manuel Alegre, Vítor Monteiro, Pereira de Moura.

Enfim... 25 de Abril de 1974!

O mesmo percurso de todos os dias. Saí às 8 da manhã. O rádio do carro só dava música. Percorri a 109, rumo à Ponte da Arrábida (tantos militares!), Quartel General (mais militares!), Marquês de Pombal, Doze Casas, Ponte D. Luiz (ainda militares - comecei a desconfiar), Avenida de Gaia - banco fechado - clientes e colegas à porta. O meu amigo e companheiro Manuel Freitas segredava-me: “pode ser um golpe do Kaulza”. Mas não era. À tarde, mais uma vez a Avenida dos Aliados, mas desta vez para dar vivas à Revolução e aos militares de Abril. Finalmente a Liberdade.

Nos primeiros dias de Maio, aderi ao Partido Socialista. Vivi intensamente todo o período de estabilização da democracia. Até ao Congresso de 76, no Porto, onde um camarada de nome António Reis proclamou: “Chegou ao fim o tempo dos Épicos”. Em termos de militância activa, fiquei-me por aqui. ■



Manifestação em frente à Câmara Municipal de Espinho, no dia 28 de Abril de 1974

Rosa Maria Albernaz

## “Na minha memória foi ‘ontem’...”

Passaram-se vinte e cinco anos, mas, na minha memória, no meu coração, foi “ontem”.

Ia iniciar as minhas aulas, quando recebemos a visita do comandante da polícia. Informou-nos que algo aconteceria em Lisboa. Não sabia bem o que era, mas esperava que nada de grave se passasse. Pedia que o dia escolar fosse normal e que daria novidades se realmente a situação se agravasse.

Lembro-me perfeitamente do nervosismo e emoção que senti. Pressentia naquelas palavras que alguma coisa se dera no regime de então. Como não conseguia dar aulas, regressei a casa. Foi pelos órgãos de comunicação social que acompanhei as notícias.

Recordo a alegria e o receio e que sentia.

Alegria da mudança.

Receio de que a revolução não se concretizasse.

Esperei ansiosa o regresso do meu pai a casa, pois tinha a certeza que mais novidades traria.

O nosso longo abraço disse tudo.

As suas lágrimas disseram muito mais.

Os dias seguintes foram um frenesim, de actividades.

Contactos e reuniões com: António Macedo, Cal Brandão, Alcides Strech Monteiro, Costa e Melo, Carlos Candal e outros.

A alegria nas ruas, os abraços, os cravos vermelhos, o dar a mão ao “nosso irmão de Abril”, são vivências que nunca mais na vida esquecerei.

Emocionada agradeço:

Aos Capitães de Abril,

Aos lutadores anti-fascistas

E a todos aqueles que durante estes 25 anos me acompanharam nesta caminhada que “Abril me proporcionou”.

Para todos vós

“O meu cravo da Liberdade”. ■

Fernando Meneses

## Agradável notícia

O que significou para mim o 25 de Abril de 1974 conhecem-no bem todos quantos comigo privavam ou que comigo agarraram a oportunidade de “transformar o mundo”.

A felicidade com que vivi esses primeiros tempos e a generosidade com que me entreguei a tudo quanto era associativismo e solidariedade, é um facto indesmentível. Como também é uma realidade que, apesar de todos os “horrores do 25 de Abril”, não conheço ninguém para quem tenha sido tão desfavorável, materialmente, como foi para comigo.

Mesmo assim, para que não fiquem dúvidas sobre a minha forma de pensar a “Revolução”, confesso que, com o decorrer dos anos, um só sentimento se alterou em mim. Face ao oportunismo de alguns e com o reconhecer da impossibilidade de transformar a sociedade, deixei de dizer o que afirmei inúmeras vezes: “Dava a vida para que acontecesse o 25 de Abril”. O “sonho” durou pouco e as transformações não teriam valido a minha vida.

Mas, voltando ao que pretendia escrever em relação ao título deste texto, vou recordar dois episódios que marcaram para sempre a minha memória do 25 de Abril.

Nesse dia, quando saí de casa de manhã cedo, mas já conhecedor do Movimento das Forças Armadas, dirigi-me euforicamente à primeira pessoa conhecida (e de confiança...) que vi e que sabia gostar de conhecer a novidade. Ainda recordo a felicidade com que ouviu a boa nova e respondeu ir já para casa ouvir o noticiário (lembra-se, Padre Manuel?).

Outro facto verificado poucos dias depois e que até hoje foi o espectáculo mais bonito que vi, em termos de confraternização humana, foi o 1.º de Maio em liberdade, na cidade do Porto.

Quanta felicidade, quanta alegria, quanta fraternidade e esperança! ■





Rui Abrantes

## “O regime caía de podre”

Fui solicitado para produzir um texto evocativo da minha memória do 25 de Abril de 1974.

Confesso ser um pouco avesso a meras cerimónias rituais comemorativas do que quer que seja. Entendo útil o estudo do passado, da história, para dela extrair lições e melhor compreender o futuro. Ou seja, comemorativo e evoco - e sempre o fiz - o 25 de Abril não numa perspectiva saudosista, romântica, mas de um ponto de vista de afirmação de uma realidade (ainda em construção) dinâmica.

Para mim, 25 de Abril é um dia de comemoração, de evocação e... de luta.

Feito este intróito, vamos às “memórias”.

Em 1974 era eu um jovem licenciado em Direito, acabado de sair fresquinho dos bancos da Faculdade e residia em Coimbra. Como era normal, nessa época em Coimbra, tive actividade política organizada desde muito cedo. Particpei - como grande parte da Academia de Coimbra - na chamada “crise académica” de 1969 e no Congresso da Oposição Democrática realizado em Aveiro em 1973.

Apesar disso, devo confessar que o 25 de Abril me surpreendeu.

Sabia e estava convicto (e daí a minha militância política) que algo neste país teria que mudar: as generalizadas manifestações de desagrado perante a situação vivida, a sangria da nossa juventude condenada a ir morrer para Guerra Colonial, a pobreza mais ou menos generalizada do povo português, a falta de liberdade, a opressão, tudo isto criou um mal estar social que era urgente alterar.

Mas na manhã de 25 de Abril de 1974 fui alertado por um movimento desusado nas ruas da cidade. Ainda sonâmbulo, indaguei o que se passava e obtive uma informação: houve uma revolução. Corri para a Praça da República, mas no trajecto, vindo de Montes Claros, passei pela sede da Pide na Rua Antero Quental.

Aí se aglomerava uma mole imensa de gente, estudantes e “futricas”, doutores e operários, conhecidos e gente anónima, todos irmanados num mesmo ideal: apoiar a revolução cuja génese nenhum de nós conhecia, cujos rostos ignorávamos e o seu desfecho muito menos...

Exteriorizando a raiva e as frustrações incontidas, animados de uma vontade interior que só a justiça e a razão consentem, indiferentes (ou inconscientes?) perante o perigo de resposta à bala, foi decidido “invadir a Pide”.

E a tentativa foi feita. Uma multidão saltou a vedação metálica, atravessou o pequeno jardim e irrompeu à porta do edifício.

A sentinela refugiou-se lá dentro e trançou as portas. De repente, e após algumas tentativas de arrombamento, alguém gritou “estão a apontar-nos as armas das janelas do 1.º andar”. Inacreditavelmente poucos abandonaram o local, fugindo. Aqueles que se postavam em parte do edifício, na rua, decidiram então lançar fogo aos “carros da Pide”. Dito e feito: todos os automóveis habitualmente utilizados pelos agentes da Pide foram queimados.

Ao lembrar estes factos, várias questões me assaltam o espírito: porque assistiram os agente da Pide impotentes à queima das suas viaturas? Porque não dispararam? E se tivessem disparado? Quantas dezenas de mortos haveria a lamentar? A resposta só pode ser uma: tudo isto assim

sucedeu porque o regime caía de podre, porque aos agentes da Pide faltava a força que vem da razão e não do cano das metralhadoras.

Entretanto, a rádio começava a difundir notícias que invariavelmente começavam por uma marcha militar e as palavras “aqui, posto de comando do Movimento das Forças Armadas”, seguindo-se o noticiário das operações militares que iam dando corpo à revolução.

Relembro desse tempo as minhas reflexões: vai acabar a polícia política? Vamos ter liberdade de falar sem necessidade de escolher o local e sem receio do interlocutor? E a guerra colonial vai acabar? Vai haver liberdade e democracia?

Ao mesmo tempo, a minha incredulidade sobre o triunfo da revolução foi-se desvanecendo à medida que iam surgindo as notícias sobre a grande adesão popular às operações militares do movimento das forças armadas.

Traduzia-se tal adesão não só nas manifestações de júbilo e alegria mas sobretudo pela coragem demonstrada pela presença física de autênticas multidões que, indiferentes perante o perigo, acompanhavam a par e passo os soldados de Abril.

Chamar, por isso, à revolução dos cravos o “Prec” é ignorar e mistificar a história, é deturpar os acontecimentos, é manifestar uma visão retrógada e reaccionária da revolução de um povo e de um país cujos primeiros passos foram dados por alguns dos seus filhos mais dilectos. Os meios de comunicação escritos e audio-visuais davam a conhecer os rostos da revolução e o programa da Junta de Salvação Nacional.

Otelo Saraiva de Carvalho, Salgueiro Maia, Vasco Lourenço e um programa que ficou conhecido - e assim ficará para a História - como o dos três DDD: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver.

No inesquecível 1.º de Maio de 1974 ficou claro o triunfo da revolução e o fim de 48 anos de supressão de liberdades, de censura, de proibição de partidos políticos, de sindicatos; 48 anos de polícia política que vigiou, perseguiu, prendeu, torturou e matou a nata dos portugueses; 48 anos de obscurantismo, de atraso económico e social, de emigração em massa; 13 anos de Guerra Colonial que amputou, matou e retirou as expectativas e a esperança de milhares de jovens.

Ao comemorar os 25 anos do 25 de Abril presto a minha homenagem a todos os que não se submeteram nem calaram, erguendo a voz, o braço, a arma, a inteligência ou a cultura contra o fascismo e os seus seguidores.

E porque o 25 de Abril é fruto de pequenas e grande lutas de sucessivas gerações, de norte a sul do país e a que estão ligados também democratas e anti-fascistas de Espinho, a estes presto também hoje e aqui a minha homenagem sentida.

Disse - e reafirmo - que, para mim, o 25 de Abril é um dia de comemoração e de luta.

O programa dos gloriosos capitães de Abril está longe de ser cumprido. Continuam a existir carências, injustiças, deficit democrático, atentados à liberdade. A revolução não chegou ao fim (e alguma chegará?). Por isso aqui estou, eu e milhares de outros democratas e anti-fascistas, dispostos a continuar a luta pelos ideais de Abril. ■



Ferreira de Campos

## O 25 de Abril de 1974

A notícia foi-me trazida pelo meu vizinho Sr. Cardoso Azevedo, cerca das nove horas da manhã quando saí à rua: havia uma revolta militar em Lisboa, para derrubar o Governo.

Sempre pensei, e dizia-o na roda dos meus amigos, que a notícia da substituição do regime nos havia de ser trazida, subitamente, por um ancião de barbas brancas nos ecrãs da televisão.

Enganei-me: afinal foram os mais jovens, os Capitães que planearam e fizeram o golpe militar. Disso vim eu a aperceber-me apenas no dia seguinte pelos jornais.

Colhida a notícia, desloquei-me em serviço profissional ao Tribunal, então sediado no edifício da Câmara.

À porta cruzei-me com o Sr. Padre Manuel, que também já sabia o que se estava a passar, e, nas poucas palavras que então trocámos, tivemos oportunidade de reciprocamente expressar o nosso contentamento. Um “já não era sem tempo”, ou palavras semelhantes, ouvi eu da sua boca, os olhos a brilhar de júbilo.

De tarde, eu e a Dulce fomos para o nosso escritório do Porto, mas a caminho passámos em Miramar pelo emissor do então Rádio Clube Português. Foi com algum espanto que aí encontramos apenas alguns, poucos, militares, armados apenas de espingarda.

Interpelámo-los, querendo saber de quem recebiam ordens e se estava tudo a correr bem.

À primeira pergunta nada disseram. Mas a resposta à segunda foi afirmativa.

O nosso escritório fica na Rua das Flores e daí foi-nos fácil chegar à Praça da Liberdade e à Avenida dos Aliados. Vimos apenas um tanque encimado por alguns militares armados também apenas com as suas espingardas.

Francamente, lembro que na altura me ocorreu que nunca antes pensaria que uma revolução poderia resumir-se apenas ao que via... pelo menos no Centro Histórico do Porto! Já havia agitação e alegria nas ruas.

Uma bandeira do Partido Comunista subia a Avenida, empunhada por um jovem, quase sozinho, perante a indiferença geral. Mas subia! Sem oposição de ninguém!

Por que é que então estranhei essa falta de oposição? Pois não devia mesmo ser assim? Afinal, também eu, talvez, não estivesse ainda preparado para a plena liberdade, democracia e tolerância cívica.

Voltámos ao escritório.

A Maria Beatriz trouxe-nos depois a notícia de algum burburinho, tiros dispersos (para o ar, pois nesse dia, naquela Praça e naquela Avenida, ninguém matava ninguém) e um tanque que invadia o átrio d’O Comércio do Porto”.

Era já evidente que a Revolução tinha triunfado.

Não estávamos num dia qualquer. Resolvemos fechar o escritório a meio da tarde e regressar a casa.

Aqui foi a ansiosa espera até à apresentação da Junta de Salvação Nacional, já a noite ia alta.

Foi para mim muito difícil reconhecer sinceridade no nervoso entusiasmo do apresentador Fialho Gouveia, possivelmente vítima do facto de, como locutor da RTP, ter sido durante muitos anos um dos veículos, se calhar involuntário, da propaganda do Estado Novo. E recordo-me de então ter pensado: “que diabo, não haveria outra pessoa (por que não o tal ancião de barbas brancas?) para fazer a apresentação?”.

Ficámos tranquilos quando vimos o General António Spínola. Tínhamos lido o “Portugal e o Futuro”.

Os pormenores da revolução foram por mim devorados dos jornais nos dias seguintes como um romance de aventuras.

Parecia impossível... mas finalmente acontecera!

Prefiro ficar por aqui. O que se seguiu foram as opções e os caminhos de cada um a aprender a viver em Liberdade e a lutar por Ela. ■





Armando Jacinto

# O meu 25 de Abril

Não houve português que não tivesse o seu 25 de Abril, independentemente das suas condições económicas, sociais, profissionais e religiosas, quer tenha sido apoiante ou antagonista. O 25 de Abril mexeu com tudo e todos acabando por ser uma mudança na sociedade tão drástica, irreversível e de tão assinaláveis consequências que muitos países, à posteriori, aqui vieram colher ensinamentos para solucionar alguns dos seus problemas. A América e a Rússia acabaram por ter de dedicar à Revolução dos Cravos muita da sua atenção e de colocar no terreno agentes bem preparados para não se deixarem ultrapassar pela voragem duma revolução inédita, marcada por parâmetros tectónicos que iam dos oito aos oitenta.

Portugal, com uma economia de guerra devido à existência de três teatros de operações e um Império Colonial em vias de fragmentação, mesmo assim era manchete internacional face à localização estratégica dos seus territórios e às matérias primas que os mesmos guardavam. O tecido humano que vinha alimentando a Utopia estava mais que roto e ameaçava esfrangalhar-se a todo o momento. Apenas a teimosia duns tantos políticos, bafiosos, obscurantistas e pseudo-patriotas, resguardados por uma polícia política sem escrúpulos e mal controlada, ia alimentando o caos, pondo em perigo a sobrevivência do dócil e sempre explorado povo português.

A 25 de Abril de 1974, tinha eu 36 anos, era Major há 3 meses e chegara à Metrópole a 16 de Março (dia da intentona das Caldas), vindo de Moçambique, onde terminara a quarta comissão de serviço em África. Como essa comissão fora cumprida em regime de voluntariado, não contava para efeitos de escala pelo que de novo estava mobilizado para Moçambique, como 2.º Comandante dum Batalhão Operacional. Restava-me, pois, gozar um mês de férias disciplinares, mais quinze dias de licença das normas de embarque, apresentar-me em Santa Margarida e embarcar com a última Companhia do Batalhão, o que veio a acontecer a 12 de Maio de 1974.

A 13 de Maio estava já na cidade da Beira, iniciando a 5.ª e última comissão de serviço, que viria a terminar um dia após a independência de Moçambique. Todos os jovens oficiais do Quadro de então comentavam a respeito do número de Comissões de Serviço a que estavam a ser submetidos dizendo que os automóveis mais evoluídos só tinham 5 velocidades para a frente e que a sexta velocidade, obviamente, era a marcha atrás. As condições para a queda do regime estavam há muito criadas e o 25 de Abril aconteceria fatalmente, a qualquer momento, feito por estes ou outros actores.

Lembro-me que em Espinho, onde calmamente e sem chatices vinha gozando as merecidas férias, em casa de meus pais, pois

apesar de casado há 12 anos não tivera ainda oportunidade para "fazer o ninho", o dia 25 de Abril acordara soalheiro e com temperatura convidativa a que fosse até ao Porto fazer algumas compras de reacomodamento e ataviar-me de barbearia, com vista à proximidade do fim de férias.

Saí de casa por volta das 8h30 e, cerca das nove, atravessava a ponte da Arrábida, constatando que dois pelotões de militares em fato de trabalho ocupavam os seus encontros numa missão que presumi tratar-se de treino de defesa de pontos sensíveis. Não implicavam com quem quer que fosse e o trânsito corria na melhor fluidez. A caminho da baixa e ao passar no C.I.C.A, hoje Pólo Universitário, cedido para o efeito pelo Brigadeiro Pires Veloso, verificava que o quartel tinha os portões fechados e no muro duas esquadras de metralhadoras vigiavam a rua. Um pouco mais à frente cruzei-me com uma coluna de viaturas do C.I.O.E de Lamego que se me tornou suspeita por se fazer acompanhar do Guião da Unidade, o que, em deslocações de rotina, não era normal.

Embora estes indícios me levassem a desconfiar que algo estivesse a acontecer, não eram suficientemente elucidativos, e, como a Intentona das Caldas ocorrera há pouco mais de um mês e revoltas militares, graças a Deus, não se fazem todos os dias, não seria provável haver bronca. Mantive os propósitos de cortar o cabelo e assim, depois de passar pela Praça da Batalha, descendo Santo António e estacionei junto a uma barbearia onde um barbeiro falador, enquanto me escanhoava o pescoço, ia dizendo que em Lisboa andava uma grande bagunça e que o Caetano já estava encurralado no quartel do Carmo, cercado por militares que entretanto tentavam negociar a sua capitulação. Gostei do que ouvi e, sem dizer quem era, pedi-lhe que acelerasse o trabalho, pois a partir dali os meus procedimentos tinham de ser outros.

Embora àquela hora a baixa portuense mantivesse um comportamento rotineiro, com bancos abertos e passeios a abarrotar de gente, o certo é que algo de muito importante já tinha acontecido e apenas a rádio de vez em quando dava umas dicas. Meti-me no carro e fui ao R.I. 6 (na Senhora da Hora) tirar dúvidas e o que vi deixou-me desenganado. Tal como nos outros quartéis, os portões estavam fechados e algumas metralhadoras velavam o exterior e o espaço aéreo. Uma vez que não tinha dúvidas do que se estava a passar, fui de imediato ao Quartel General fazer a minha apresentação e colocar-me à disposição dos revoltosos. Aproximei-me do portão, chamei uma das sentinelas e, depois de me identificar, pedi-lhe que chamasse o oficial de dia para me abrir o portão e conduzir ao Chefe de Estado Maior. Assim aconteceu. Contudo, no Quartel General já não havia Comandante

nem Chefe e quem me recebeu foi o Major Corvacho e o Capitão Boaventura Ferreira, ambos meus camaradas e amigos de longa data. Rapidamente fui posto ao corrente do que se passara até ao momento e, depois de lhes contar a situação em que me encontrava, fui aconselhado a que, finda a licença, me apresentasse em Santa Margarida. Mantive-me no Quartel General em conversa com eles durante mais umas horas, no decurso das quais tive oportunidade de observar o regresso bem sucedido das tropas que haviam neutralizado a delegação da PIDE/DGS no Porto e de um outro agrupamento que fora garantir a subordinação do Comando da P.S.P.



Houve, entretanto, um telefonema do Comandante duma fragata francesa que acabara de atracar a Leixões e que pretendia saber a que horas poderia apresentar cumprimentos ao General Comandante da Região. Quando o Corvacho lhe disse que não havia general algum e que estava a decorrer uma revolução, o comandante da fragata achou melhor tirar bilhete e levantar ferro.

Como os revolucionários não havia meio de irem almoçar e como nada tinha para fazer resolvi despedir-me, desejar-lhes boa sorte e vir para casa. A hora do meu regresso era já tardia e, como entretanto a televisão começara a relatar o que se estava a passar, a minha mulher ficou satisfeita ao ver-me pois, devido ao atraso, pensava já tivesse ido dentro. A revolução era um facto, nada nem ninguém seria capaz de a fazer abortar, disse eu estava convencido.

Às três da manhã arranquei de Espinho para Santa Margarida, a fim de ir ao encontro do meu Batalhão mas, tal como eu, as tropas estavam de licença das Normas de Embarque, pelo que, depois de saber as horas e dias em que as companhias embarcariam no aeroporto de Figo Maduro e de fazer um ponto da situação com o Coronel Craveiro Lopes, depois do almoço voltei para Espinho. As normas diziam que com a primeira

Companhia a embarcar seguia o Comandante do Batalhão e com a última seguia o 2.º comandante, embora lhe competisse assistir ao embarque de todas as outras Companhias. Como não conhecia nem o meu Comandante nem as minhas tropas, resolvi estar presente ao embarque da 1.ª Companhia.

Assisti à formatura antes de entrarem para os autocarros que as transportariam ao aeroporto e foi com grande emoção que verifiquei que todos os militares tinham um cravo vermelho no tapa-chamas da G3 e com ele desfilaram perante o Comandante. Tratava-se do primeiro embarque de tropas após a queda do regime, depois de o M.F.A ter garantido que Portugal, inequivocamente, iria

as diversas animações e a presença dos dois líderes populares, Mário Soares e Cunhal, foram a garantia que, de facto, o Povo estava com o M.F.A e, assim sendo, a revolução era imparável e Portugal nunca mais andaria para trás.

A 12 de Maio foi a minha vez de embarcar em Figo Maduro. Contudo, já não tivemos direito a tratamento V.I.P e as famílias limitaram-se a despedir-se de nós à entrada do aeroporto. Embora toda aquela gente tivesse a convicção que o M.F.A, conforme prometera, iria de imediato acabar com a guerra, o certo é que as guerras são sempre fáceis de começar mas ninguém pode garantir quando e como acabam, pelo que o ambiente da despedida era tenso e emotivo. Tinha prática de despedidas; no entanto, esta, após o 25 de Abril, fugia a todas as regras e deixou-me deveras perturbado porque quando, ao entrar na gare, olhei para trás, tentando memorizar a última imagem da minha família a acenar-me, vi o meu filho, ainda de tenra idade, ao colo da mãe, de braço erguido e mão fechada, gritar em uníssono com os familiares dos meus militares "nem mais um soldado para as colónias".

Em Moçambique, fui eleito presidente da Comissão Coordenadora do MFA, em substituição do Major Tomé, que regressou à Metrópole em Julho de 1974. Mantive-me no cargo até à chegada do Alto Comissário e nomeação do Governo de Transição, entidades que, em princípio, ao entrarem em funções, esgotavam a razão de ser da Coordenadora. À Comissão Coordenadora se ficou a dever o conceito de que a FRELIMO era o único e legítimo representante do povo de Moçambique, sem o que o cessar-fogo e a independência seriam objectivos difíceis de conseguir face à perturbação que se geraria se outras soluções fossem encaradas como a Metrópole preconizava (leia-se Spínola).

Por fim, de todas as personalidades que contribuíram para perpetuar Abril e que, Graças a Deus, foram mais do que muitas, gostaria de salientar dois militares. O Capitão Salgueiro Maia, pelo seu exemplo de coragem, abnegação e honestidade profissional, regressando ao quartel logo que a revolução o permitiu, e o Major Melo Antunes, pela sua coerência política e prestígio alcançado ao longo de todo o processo revolucionário, sendo duma maneira geral acatado por todos, numa prova inequívoca do seu real valor. Quanto a civis não posso deixar de afirmar que Mário Soares e Cunhal foram quem mais influenciou o processo revolucionário e que, felizmente para Portugal e para os portugueses, Mário Soares acabou por sagrar-se vencedor absoluto de todos os combates que travou ao longo do PREC. O facto revolucionário que mais me impressionou pelo seu simbolismo, nobreza e elevação de espírito, foi a soltura dos presos políticos da prisão de Caxias. ■





Jorge Pina

## “Uma noite escura de 50 anos...”

Fui um dos muitos milhares de jovens que no tempo da Ditadura era “obrigado” a ir fazer a guerra colonial. Tocou-me Moçambique. Estive na zona de Tete e fui ferido em combate, tendo passado uma “longa estadia” no Hospital Militar em

Lourenço Marques e foi aqui o local onde me encontrava, quando se deu o 25 de Abril.

Para narrar o sentimento dos militares milicianos, que fazíamos a guerra, nada melhor que um poema feito por um militar combatente da época:

Fui um dia dar com Deus  
À taberna do Diabo  
Entre cristãos e ateus  
Fizeram de mim soldado  
E eu sem querer  
Fui embarcado

Deram-me armas e um galão  
Para o outro lado do mar  
Quis levar o coração  
Não mo deixaram levar  
E eu sem querer  
la matar

Deram-me uma cruz de guerra  
Quando matei meu irmão  
E o povo da minha terra  
Promoveu-me a capitão  
E eu sem querer  
Fiquei papão

Todos me chamaram herói  
Ninguém me chamava Manel  
Quem quer uma cruz de guerra  
Que eu já não vou  
Para o Quartel.

Descrever o que se passou nesse dia e naquele local não é nada fácil. As notícias chegavam da Metrópole, ninguém queria acreditar. Por fim, depois de sabermos a confirmação do êxito da operação, naturalmente que vi cenas que nunca mais poderei esquecer. Alguns amigos meus, jovens mutilados, choravam de alegria ao saberem que concertemente outros jovens não iriam ter a mesma sorte. A

alegria era incontrolada. Enfim, uma frase era citada: “ACABOU A GUERRA!”.

E todos nós sentíamos que poderia estar ali terminada a tortura que arrasou três gerações de jovens, com milhares de mortos, milhares de deficientes, milhares de órfãos, milhares de viúvas e milhares de pais e mães a quem tinham roubado os filhos na flor da idade.

Os homens e as sociedades em que se consti-

tuem têm, em geral, memória curta que os leva quantas vezes a minimizar os benefícios recentes e actuais, parabolizando erros e falhas, fazendo sobressair à sua memória, com erros de paralaxe de forma branda e desculpabilizante, calamidades antigas quantas vezes consideradas virtudes benéficas.

Assim, fazem-me meditar certos sucessos recentes, que tentam branquear o fascismo e a guerra colonial, não se sabe em nome de que ordem, assim como o enaltecimento da guerra pela guerra, no sentido unívoco do patriotismo.

Sorrisos de mulheres e crianças misturaram-se com lágrimas de esperança de tantos homens que há 25

anos vieram alvorecer, de uma noite escura de 50 anos, uma nova madrugada. E é imperioso que esses sentimentos dos capitães sem sono continuem a ser transmitidos à geração que há 25 anos ainda não compreendeu, porque nunca bem explicado, o sacrifício daqueles que lutaram surda ou activamente para que a liberdade de que desfrutaram fosse uma realidade constitucionalmente expressa.

A minha última homenagem vai para aqueles que, como eu, “comiam” o pó da picada e serravam os punhos de raiva pela manutenção de uma guerra inútil e evitável.

É para esses meus amigos que vi tombar ao meu lado que canto este poema:

Menina dos olhos tristes  
O que tanto a faz chorar  
O soldadinho não volta  
Do outro lado do mar

Senhora de olhar cansado  
Porque a fadiga o tear  
O soldadinho não volta  
Do outro lado do mar

Senhor de olhar cansado  
Olha o cachimbo a apagar  
O soldadinho não volta  
Do outro lado do mar

Anda bem triste o amigo  
Uma carta o fez chorar  
O soldadinho já volta  
Está quase mesmo a chegar

Vem numa caixa de pinho  
Do outro lado do mar  
Desta vez o soldadinho  
Nunca mais se faz ao mar

VIVA O 25 DE ABRIL! ■

Edgar Carneiro

## Eu estive lá

Convocado para uma reunião de directores de Escolas do Ciclo Preparatório, marcada precisamente para 25 de Abril de 1974, também estive em Lisboa no dia da Revolução. Reunião essa que, evidentemente, não chegou a realizar-se.

E, assim, eu e alguns colegas desafectos à Situação pudemos assistir com regozijo ao evoluir dos acontecimentos.

Soubemos que havia muita gente em frente ao Quartel do Carmo onde o Governo se refugiara e forças revolucionárias intimavam à imediata rendição. Corajosamente (éramos ainda mais jovens...) corremos para lá. Não pudemos passar do Chiado, mas mesmo daí assistimos entusiasmados ao fim iminente do regime detestado.

Quando abandonámos o local a caminho do Rossio já vários desfiles de jovens festejavam com cantos e vivas o triunfo do Movimento.

Nalgumas ruas da Baixa deparámos com admiração com alguns corpos de tropas fiéis ao Governo que entretanto, completamente alheadas, não tugiavam nem mu-giam mesmo quando algum transeunte mais galhofeiro lhes atirava sem azedume:

- Ide embora! De quem estais à espera? Ide embora!

Como se vê, foi tudo tão simples e natural como se estivéssemos assistindo ao render de orquestra em baile de animação.

Eu sinto um certo orgulho de ter escrito antes do 25 de Abril muitos poemas contestatários que fazem parte do meu livro “Tempo de Guerra”. Num desses poemas até falava em cravos vermelhos como que adivinhando o impacto que os cravos teriam na Revolução.

Ainda hoje não compreendo como é que a Censura deixou passar num jornal do Porto o meu poema “Laranjas” que, embora veladamente, continha uma “promessa de revolta amadurecendo no coração dos homens e trazendo igualmente para todos o pão” (as laranjas!).

Pelos vistos, os Censores eram insensíveis ao poder explosivo da metáfora...

Embora nem todas as promessas do 25 de Abril se tenham já cumprido, não há dúvida de que devemos hoje festejar com calor pelo menos o poder que o Povo adquiriu de intervir nos destinos da “Nação valente e imortal”. ■

### Resistência

Que nos peçam juras  
Se a alma as não sente  
Se é dentro do fruto  
Que fica a semente!

Que nos digam chora  
Se entanto sorrimos,  
Se os braços nos cortam  
E ainda florimos!

Que nos digam presos,  
Fechados, rendidos,  
Sem campos, sem flores,  
Sem asas de abelhas!

Que nos digam mortos  
Se, mortos, vivemos;  
Se temos nos olhos  
O sol da verdade  
E o grito dos cravos  
Na boca vermelha!

Edgar Carneiro  
(in “Tempo de Guerra”)





José Luís Peralta

## “...a minha memória do 25 de Abril e dos dias que se lhe seguiram...”

Noite abafada e húmida, as palmeiras despejam sombras nos pavilhões do Teatro Anatómico da Faculdade de Medicina de Luanda, prontas para a vigília de amores vadios, dos casineiros clandestinos, de pestanas queimadas nas velhas sebentas. No fundo do bar, os “iluminados” do Cineclub pintam na tela do silêncio as cores tangidas das cordas das guitarras, no matisado da música de intervenção. O Zeca e o Fausto naquela noite antecediam “O Grande Ditador”. Uma premonição do acontecido. O Futuro mais que passado.

Há 25 anos, o mundo era lento, e o mundo era mais lento em Portugal e ainda mais lento nas colónias.

O sol chapinhara já, emprestando calor às águas do Mussulo e o Kamundongo continuava a passear a balalaica pelas esplanadas da sua Luanda, beberricando cucas, confundindo cascas de camarão e de ginguba, ignorante do que se passara na Metrópole.

A promiscuidade confusa dos cineclubes e outros pseudoculturais com a actividade política, desacreditavam os “progressistas iluminados” das secções toleradas do Centro Universitário. As outras, as verdadeiras, eram profundamente clandestinas. Tanto que ninguém tinha nome. A certeza e a mentira confundiam-se no domínio da dúvida. O boato feria como uma lâmina, no dizer da 5.ª repartição - a da psico.

Lá dentro, o Charlot continuava a tarefa difícil de politizar os “iluminados” das secções progressistas. Uma avaria na 8mm voltara a dar voz ao Zeca. Nunca ninguém saberá dizer, com certeza, sobre a clarividência de tal avaria.

Cá fora, já noite adulta, a notícia chegara confusa. Os soldados das Caldas marcharam sobre Lisboa. Spínola tomara o poder. Os comunistas armaram o povo. Na Emissora Oficial de Angola, tudo como dantes. Terminaria a emissão com o “Angola é Nossa”, seguido do “Heróis do Mar”. Como sempre, indiferente, lentamente indiferente.

Lá longe, no maquis, sobretudo nas terras altas do leste de Angola, os meus amigos, que cresceram comigo nessas terras férteis, castigados por ambiguidades de séculos entre igualdades desiguais, divergem entre apoios e deveres impossíveis: UNITA de Savimbi (tribalmente maioritário), MPLA de Agostinho Neto (culturalmente respeitado), FNLA de Holden Roberto (com raízes no catanga e família no Moxico/Lunda), Flechas (“arrepentidos”) integrados no exército



português) e, naturalmente, os muitos que integravam obrigatoriamente o exército português. Uníramos as letras juntos, partilháramos golos no mesmo desafio, dormíramos juntos com o manto de luar e de cacimbo no colchão de capim, em aventuras de adolescentes e jovens. Havíamos mesmo desafiado juntos as polícias, cumpríamos castigos juntos e, agora, matávamo-nos fraternalmente. Lá longe, nesse maquis, o 25 de Abril demora muito a chegar.

No dia seguinte, a Emissora Nacional de Angola mantém-se lenta, noticiando apenas alterações importantes na Metrópole. Acabará a emissão normalmente, como sempre, com o “Angola é Nossa” e o “Heróis do Mar”.

Nessa noite, o Ernesto, mulato quase preto, adoptado por brancos, manter-se-á em silêncio, militarmente em sentido, num inusitado respeito por Portugal, futurando os “efeitos colaterais” desta revolução.

Como eu, apredera a jogar ténis com a

tropa. Confidenciara-me, meses antes, que o pai do Pedro (o puto do Colégio Militar, de férias no Luso), militar de patente, a quem devo alguma da teoria e técnica do ténis, patrão da psico-militar, era diferente e compreendia de maneira diferente a guerra dos “turras”. Jurou-me que se encontrava, mais um padre e um madeireiro, com o chefe militar dos “turras” do Munhango. Poderia pôr-me em contacto com o Tito Chingunji, meu parceiro de carteira na primária, agora responsável máximo da segurança desse chefe militar.

Fino, aprendera muito na escola da desconfiança. Não lhe escapara que o pai da Cristina, cardiologista de profissão, militar por obrigação e carreira, técnico de futebol por paixão, deixara subitamente os futebolistas sem tática, obedecendo a ordens de ser obedecidas para salvar o coração dum “turra” importante.

O pai do Tozé, adoptante do mulato Ernesto, deixava-lhe esquecido o Expresso e outros escritos mais complicados. O Ernesto aprendera a guitarrar os vampiros do Zeca, mas não entendia bem estas coisas. Com o Paulo (mano velho do Chingunji) guitarrava coisas mais cacimbadas, com cor de terra africana. Trazia recado, que o Paulo me mandara cumprimentos, estivera comigo em Moçamedes, durante o “internamento” no campo de S. Nicolau. O ar ébrio de Paulo, vasourando a pista de automóveis de corridas, castigava-me a memória explicada agora nos “trabalhos forçados”.

O Ernesto desapareceu sem registo de óbito, o Paulo morreu de morte acidentada cumprindo militarmente ordens políticas da Unita, o Tito homem de confiança da Unita, acompanhou a mulher de Savimbi e morreram ambos de morte assassinada à ordem deste, segundo rezam crónicas recentes.

Crescêramos no meio de professores milicianos, forçados das universidades portuguesas, de professoras, esposas silenciadas na sua revolta. Percebêramos que tínhamos protecção especial. Haviamos-nos, por questões menores, revoltado com a hierarquia escolar. Protegera-nos a “Sotora” Antonieta, esposa de militar importante que já nos ab-

solvera do crime de ter escolhido mal o nome do jornal do Liceu, com ordem de recolha mal fôra parido, sem explicação do porquê. Ainda hoje me pergunto donde saiu o nome “Avante” para jornal de canalha miúda.

No outro lado, com cantares de armas de barulho e aços diferentes afirmadamente soviéticas e cubanas, roubaram-me o Wan Dunnen, o Mingas, o Machado... e à Eduarda nunca mais senti o calor do seu afago.

E o Ernesto, antes de desaparecer, continuava em sentido a ouvir o “Heróis do Mar”, dissertando sobre algo que ele não sabia que viriam a chamar-se, um quarto de século depois, “efeitos colaterais”.

Tal como no Kosovo um dos “efeitos colaterais” mais significativo foi cerca de um milhão de refugiados de guerra. Chamaram-nos, na altura, com direito a tutela ministerial e tudo o resto - Retornados. Registaram-nos no livro do IARN. Perdemos a história da nossa infância e da nossa juventude. No meio disto, chorei uma vez, quando a minha filha, ainda pequena, me pediu os meus brinquedos de criança.

Ao fim de 25 anos, a integração dos “retornados” é real. Constituímos uma força de trabalho, evolução e progresso indistinta da dos portugueses de berço. Somos técnicos, empresários, autarcas, governantes, trabalhadores dedicados e libertados de qualquer estigma. Hoje somos mais de um milhão de portugueses, valorizados pelos nossos filhos, a ajudar a crescer Portugal. Orgulho-me hoje de ser Espinhense. Vincadamente por opção e adopção, em plena liberdade.

Ao fim de 25 anos ainda há “efeitos colaterais”. Angola, Moçambique, Guiné, sobretudo Timor. Como, aliás, a eficiência da Nato não consegue evitar os efeitos colaterais da guerra.

Por mim valeu a pena... obrigado, capitães de Abril, por haveres regado os cravos da liberdade.

Às minhas filhas, se não lhes posso emprestar os brinquedos da minha infância, prometo a esperança de as levar a cheirar o barro chuido do chão que me viu crescer e sepulta muitos dos meus amigos da minha infância. Em paz, um dia... ■







# Equilíbrio e ponderação

*Uma das consequências do 25 de Abril foi a formação de uma Comissão Administrativa da Câmara Municipal, que viria a assumir as funções de gestão municipal e que era composta por António Pinto de Matos, Artur Bártolo, António Gaio, Augusto Marinho da Mota, Reinaldo Costa, "Lito" Gomes de Almeida e Tomás de Sousa. O "Maré Viva" falou com os membros sobreviventes dessa Comissão, para recordar, 25 anos depois, o processo que levou à constituição deste grupo e como desenvolveram a sua actividade.*



**Augusto Marinho da Mota, António Gaio, Artur Bártolo e Tomás de Sousa, membros da Comissão Administrativa da Câmara**

**D**urante a vigência do regime derrubado pela "Revolução dos Cravos", os presidentes de Câmara e restantes autarcas não eram eleitos mas sim nomeados pelo Governo, sendo esses cargos ocupados, necessariamente, por pessoas identificadas com o regime.

Após o 25 de Abril, por todo o país se formam Comissões Administrativas que substituem os elencos camarários, numa interpretação extensiva do Programa da Junta Nacional de Salvação Nacional, que previa a "destituição imediata do Presidente da República e do actual Governo, a dissolução da Assembleia Nacional e do Conselho de Estado (...) a destituição de todos os governadores civis, governadores dos distritos autónomos nas ilhas adjacentes e governadores-gerais nas províncias ultramarinas".

Em Espinho, os primeiros passos com vista à formação da Comissão Administrativa são dados por pessoas ligadas ao MDP, o único movimento político de oposição tolerado pelo regime, que acolhia oposicionistas das mais variadas correntes, desde comunistas a republicanos. São essas pessoas, com destaque para Rufino Cunha, que estabelecem contactos com várias personalidades espinhenses cuja oposição ao regime deposto era conhecida, com vista à elaboração de uma lista de nomes que viessem a constituir a Comissão Administrativa.

Uma primeira reunião do denominado "Movimento Democrático de Espinho" tem lugar a 4 de Maio, na sala por cima do "Nosso Café". Para além da discussão dos nomes, é aprovada uma

moção, publicada na "Defesa de Espinho" de 11 de Maio, em que era comunicado que tinha sido dirigido à Junta de Salvação Nacional o pedido de demissão imediata da Câmara e a sua substituição por uma "comissão de democratas sancionada em assembleia magna". A moção surge na sequência de uma outra, em que a Câmara Municipal, na sua reunião ordinária de 2 de Maio, tinha deliberado, por unanimidade e em termos entusiásticos, manifestar o seu apoio incondicional ao MFA, à Junta e à Revolução, comprometendo-se a assegurar a continuidade da administração municipal enquanto tal fosse julgado necessário.

No dia 13 de Maio, mais uma vez na sala por cima do "Nosso Café", decorre a assembleia que viria a aprovar os nomes propostos para integrarem a Comissão provisória. A lista é anunciada por "Lito" Gomes de Almeida e inclui os nomes de António Pinto de Matos, Reinaldo Costa, Artur Bártolo, António Gaio e Augusto Marinho da Mota, a que se juntam mais seis elementos com a função de colaborar com a comissão e que são Tomás de Sousa, Eugénia Loureiro, José Vingada, Vasco Serra, Álvaro Padrão e "Lito" Gomes de Almeida. As muitas pessoas que enchem por completo a sala aprovam estes nomes por aclamação unânime.

Posteriormente, os escolhidos reúnem para eleger o presidente da comissão, escolha que recai no médico António Pinto de Matos.

A Comissão Administrativa é empossada no dia 18 de Junho, em Aveiro, pelo governador civil, Neto Brandão e é constituída por Artur

Bártolo, António Gaio, Augusto Marinho da Mota, Tomás de Sousa, António Pinto de Matos, Reinaldo Costa e "Lito" Gomes de Almeida, os três últimos já falecidos.

## ESCOLHA DE NOMES

Artur Bártolo não estava em Espinho no dia 25 de Abril. Soube pela rádio que se tinha dado a Revolução e regressou de imediato. "Isto começou a fervilhar e os mais audaciosos avançaram e formaram uma comissão administrativa". António Gaio soube da novidade pela rádio, em casa. "Tive uma das maiores alegrias da minha vida". Augusto Mota e Tomás de Sousa eram colegas de trabalho e tomaram conhecimento de que algo se tinha passado logo pela manhã, na fábrica.

Augusto Mota recorda que, tendo sido contactado para uma reunião, lhe coube a tarefa de a dirigir, "sem que ninguém me soubesse dizer exactamente o que se iria discutir". Esta primeira reunião, a que compareceu muita gente, teve como conclusão a realização de uma outra, em que seriam então escolhidos os nomes que integrariam o elenco da comissão administrativa.

Tomás de Sousa relembra essa segunda reunião,

que encheu a sala do "Nosso Café": "a discussão quanto à representatividade dessa assembleia levava-nos muito longe. Mas a verdade é que, no processo que estava em decurso, a votação foi democrática". Augusto Mota acrescenta que, quando a legitimidade da decisão então tomada foi posta em causa, "o representante do MFA afirmou que a assembleia tinha sido aberta a toda a gente". No entanto, a questão da representatividade da comissão administrativa viria a ser levantada, mais tarde e por várias vezes. António Gaio recorda que "a comissão foi acusada por certas pessoas de tomar de assalto a Câmara e de não ter sido feito um referendo". Artur Bártolo defende que o processo não podia ter decorrido de outra maneira: "difícilmente a consulta poderia ter sido mais alargada". Augusto Mota relembra que "a Revolução criou as condições para que fossem substituídos os presidentes da Câmara, que eram pessoas nomeadas pelo regime deposto", acrescentando Tomás de Sousa que "independentemente das pessoas que estavam à fente das Câmaras, a sua substituição era algo que tinha que acontecer, era um processo

normal".

## NEM PERSEGUIÇÕES NEM SANEAMENTOS

A 18 de Junho, os membros da comissão administrativa deslocam-se a Aveiro, onde é empossada pelo governador civil, Neto Brandão. Augusto Mota relata que "a chave foi-nos lá entregue por um vereador da anterior Câmara".

A comissão administrativa entra então em funções, tendo como presidente António Pinto de Matos. O acolhimento por parte dos funcionários é normal, "não houve problema nenhum", recorda Artur Bártolo. António Gaio refere que "houve um espírito, que marcou muito a comissão desde o princípio, que foi o de não haver perseguições nem saneamentos, ao contrário do que aconteceu em muitos sítios. É uma coisa de que nunca poderão acusar a comissão administrativa". Tomás de Sousa considera que "foi preciso muito equilíbrio e ponderação para não cair nessa tentação. Embora todos comungássemos desse princípio, tenho que realçar o nome de Artur Bártolo, que teve um papel exemplar, soube gerir os conflitos de uma forma que penso ser de enaltecer, numa altura compli-

cada". Augusto Mota recorda que, "nesses tempos, nas empresas, nos serviços públicos, nas direcções-gerais, nos ministérios, em todo o lado, se saneava gente continuamente".

## O SUBSÍDIO DE 300 CONTOS

Um dos primeiros problemas que a comissão tem que enfrentar é a atribuição de um subsídio de 300 contos ao Sp. Espinho. Este subsídio, que representava uma verba substancial para a altura, tinha sido atribuído por despacho do presidente da Câmara deposto, três dias antes da tomada de posse da comissão administrativa. Esta decisão teve contornos algo estranhos, uma vez que a carta do SCE a solicitar a atribuição do subsídio só entrou na Câmara no dia 17 de Junho, ou seja, dois dias depois do despacho. Recorde-se que a equipa de futebol do Sp. Espinho se preparava para, pela primeira vez, subir à primeira divisão nacional e que o presidente da direcção do clube era "Lito" Gomes de Almeida, membro da comissão administrativa, da qual, de resto, se viria rapidamente a afastar.

A decisão da comissão de não ratificar a atribuição do subsídio causou grande polémica. Em 24 de Julho,





a comissão administrativa promove uma reunião com a população, para prestar informações e esclarecimentos. O assunto do subsídio é o tema principal e as coisas estão a ponto de descambar quando Reinaldo Costa faz menção de responder à letra a alguns sócios do Sp. Espinho. A comissão administrativa viria a dar a volta ao problema, conseguindo os tais 300 contos por outra via que não o orçamento municipal. Orçamento que diga-se, era tudo menos folgado. Às dívidas à banca contraídas pela Câmara anterior, havia que somar os encargos com os aumentos de salários dos funcionários, o que prenunciava tempos difíceis para a nóvel administração municipal.

### TEMPOS DIFÍCEIS

Os primeiros tempos de gestão da comissão são difíceis. Composta por pessoas que, por razões óbvias, não tinham absolutamente nenhuma experiência na matéria, a actividade é ainda prejudicada pela situação política que se vive no país. Artur Bártolo lembra que **"não havia leis específicas para as autarquias, as decisões eram tomadas por despacho ministerial. Tivemos a colaboração dos funcionários mas, durante uns tempos, as coisas foram difíceis, até as pessoas começarem a inteirar-se do funcionamento interno da Câmara. Mesmo assim, conseguiu-se gerir as coisas, mesmo em Lisboa, sem grandes atritos"**.

Tomás de Sousa realça, uma vez mais, o papel de Artur Bártolo na gestão equilibrada que foi conseguida: **"recordo-me das longas exposições que o sr. Bártolo tinha que fazer para avançar com determinado tipo de processos. Eram batalhas longas"**.

Apesar das dificuldades e da escassez de verbas, a comissão administrativa vai realizando obra. Os exemplos mais elucidativos são o saneamento e o abastecimento de água e a habitação social, com a construção do Bairro da Ponte de Anta. Augusto Mota refere que **"houve outras que não se fizeram, por absoluta falta de meios"**.

Apesar de não ser o presidente da comissão, era Artur Bártolo que se encarregava de grande parte do trabalho, ocupando o seu lugar a tempo inteiro. **"la para lá de manhã, antes da chegada dos funcionários, e saía à noite"**, lembra Augusto Mota. Refira-se que os restantes membros da comissão, ao contrário do que acontecia com Artur Bártolo tinham ocupações profissionais que não lhes permitiam passar muito

tempo na Câmara, numa altura em que não eram concedidas licenças para exercer cargos municipais. Uma característica, própria desses tempos, e que contribuía para a dificuldade da tarefa é recordada por Tomás de Sousa: **"naquele tempo, qualquer pessoa ia à Câmara, subia as escadas e entrava no gabinete do presidente"**.

Na opinião de Augusto Mota, **"a comissão fez coisas muito interessantes. E não fez mais porque não teve hipóteses, não havia condições, não havia dinheiro"**. António Gaio lembra que **"o Bártolo tinha a preocupação de elaborar relatórios que punham os restantes membros da comissão de todos os aspectos de um determinado problema, de todas as suas condicionantes"**.

A comissão conseguiu desenvolver a sua acção sem grande oposição, quer política quer de outra natureza. Para isso, segundo António Gaio, terá contribuído em grande medida a prática já referida de não perseguir nem demitir ninguém pelas suas opções políticas anteriores. A ligação conhecida de funcionários ao antigo regime, segundo Tomás de Sousa, **"nunca pesou em nenhuma decisão da comissão"**. Augusto Mota acrescenta que **"desde que o funcionário não fizesse contra-vapor, não era sancionado, independentemente da sua ligação ao regime anterior"**.

Outra das características da gestão da comissão salientada por Tomás de Sousa foi a de nunca ter alinhado **"pela facilidade, pelo deixar andar, pelo tudo isto é revolução e vamos em frente"**. Penso que há que fazer justiça à comissão administrativa. Quando olho para trás, não tenho remorsos por ter feito parte da comissão, apesar de, na altura, me ter custado muito ter ouvido certos comentários e ter lido certas coisas nos jornais".

A vigência da comissão administrativa chega ao seu termo em 1976, com a realização das primeiras eleições autárquicas, não sem que antes Augusto Mota se demita, na sequência do 25 de Novembro. Dos seus membros, apenas Artur Bártolo, pelo PS, e António Gaio, pela APU, se apresentam como candidatos nas eleições. A vitória do PS e a consequente eleição como primeiro presidente da Câmara após o 25 de Abril de Artur Bártolo foi, na opinião dos membros da comissão, **"o reconhecimento e a ratificação do trabalho desenvolvido durante esse período pela comissão administrativa"**.

# Teatro na rua

**No dia 28 de Abril de 1974, os espinhenses reúnem-se em grande número em frente à Câmara Municipal para saudarem a Revolução, naquela que é a primeira manifestação organizada apoiando o movimento. Um grupo de jovens da secção cultural da Associação**

**Académica de Espinho tem a iniciativa de encenar, na rua, uma peça de teatro para atrair e motivar os espinhenses para comparecerem na manifestação. Vinte e cinco anos depois, o "MV" falou com dois protagonistas desse episódio, António Paiva e António Santos.**

Conhecida a notícia da Revolução, os mais empenhados dos oposicionistas espinhenses, pessoas com ligações ao MDP e ao PCP, organizam uma manifestação de apoio ao movimento. De entre as iniciativas que promovem, surge a ideia de representar uma peça de teatro em locais estratégicos da cidade, como forma de arregimentar aderentes para a manifestação. Embora seja difícil, vinte e cinco anos depois, reconstituir fielmente os acontecimentos, parece certo que a ideia surge na secção cultural da AAE, por onde passam, nos dias e noites seguintes, vários oposicionistas.

A peça "Gota de Mel" tinha sido preparada para apresentação no Dia Mundial da Juventude, em finais de Março. A peça era um libelo contra a guerra, uma realidade que ameaçava o futuro de todos os jovens portugueses na altura. António Paiva recorda que o grupo de teatro da secção cultural da AAE se dirigiu primeiro à lota do peixe, na Marinha, devidamente equipada com cartazes que viriam a ser utilizados na manifestação. **"Representamos a peça, cá fora, e, depois, dirigimo-nos para a Avenida 8. Veio bastante gente atrás de nós"**. Chegados à Avenida 8, os actores escolhem o espaço em frente ao Casino para uma nova representação. Conseguem reunir mais gente e, passando ainda pela Avenida 2, todos sobem a Rua 19 em direcção à manifestação.

O grupo de jovens que protagonizou este episódio frequentava a secção cultural da Associação Académica de Espinho. António Santos lembra que, nos anos anteriores ao 25 de Abril, a secção cultural desenvolvia várias actividades: **"para além do grupo de teatro, havia exibição de filmes, palestras sobre música, sessões de poesia, bailáricos. Havia dois tipos de actividades, as pessoas que se juntavam para fazer teatro ou xadrez e um outro grupo, de gente mais nova, com 14, 15 anos, que ia para lá passar um pouco do seu tempo livre"**.

### A SECÇÃO CULTURAL DA ACADÉMICA

O papel da secção cultural da AAE como local de encontro de pessoas e como refúgio daqueles que se opunham ao regime já vinha de longe. No final dos anos

quarenta, a secção editava o jornal "Rumo", em que eram expressas opiniões que iam contra a mentalidade dominante. Outro dos símbolos da resistência ao Regime, o Cineclube de Espinho, teve a sua origem também na secção. Mais tarde, a secção cultural organizou várias conferências, com personalidades como Sá Carneiro ou Mário Castrim, entre outros.

Na sequência da chamada "primavera marcelista", no



A peça "Gota de Mel", representada na Avenida 8

início dos anos setenta, um grupo de jovens, entre os quais António Santos e António Paiva, passa a frequentar e a dinamizar a secção. **"Entrou muita gente, havia bastante animação"**, recorda António Santos. Necessariamente, esta geração sofre a influência do Maio de 68 e da crise académica de 69, em Coimbra na sua consciencialização política.

Após o 25 de Abril, a actividade da secção cultural intensifica-se. **"A secção cresceu um bom bocado, as pessoas estavam mais aliciadas"**, recorda António Santos. **"Apareceu muito mais gente, criaram-se mais secções"**, reforça António Paiva. O primeiro colóquio organizado após o 25 de Abril, no Dia Mundial da Criança, atrai muita gente. António Paiva lembra-se que, **"no final do colóquio, foi perguntado aos assistentes se haveria alguém interessado em colaborar com a secção e, de repente, muita gente se oferece, cheia de vontade de participar"**. Outra das actividades desenvolvidas foi a representação de uma peça **"dentro do GACA 3, a convite dos militares. Tínhamos um cartaz com a caricatura do Spínola e houve que receasse que não fosse apropriado, mas cabou por ficar"**, recorda António Paiva. Data também deste período a formação do Coro. António Santos recorda que **"uma visita de Fernando Lopes Graça contribuiu em muito para que os membros do coro tomassem consciência de trabalho"**.

A secção cultural da AAE acaba por ser encerrada e os seus elementos saneados. As razões prendem-se com as mudanças de clima político entretanto ocorridas no país. Segundo António Paiva, as conotações políticas atribuídas aos activistas da secção eram deslocadas: **"fazíamos actividade cultural e artística e nada mais do que isso. O nosso afastamento não teve qualquer sentido"**. António Santos acrescenta, **"foi uma revanche"**.

Em conclusão, António Paiva salienta que a secção cultural serviu como **"um espaço onde muitas pessoas se formaram, continuando hoje socialmente activas"**.



António Santos e António Paiva





No mar das ideias



CARLOS MORAIS GAIO

## Os palcos de Abril

O Zé quer saber como as coisas se passaram, há vinte e cinco anos atrás. Andava na escola, começava a gatinhar nas primeiras letras e vivia o seu pequeno mundo, pelo que não se lembra de nada. Eu tinha vinte anos, andava na Faculdade, participava em iniciativas culturais, já rabiscava umas prosas e conhecia, de algum modo, os inconvenientes da ditadura, pois a polícia política tinha-me prendido um tio e a guerra colonial, que vitimava milhares de jovens, era um espectro a assombrar o futuro.

Mas aquilo de que me recordo, com alguma nitidez, não satisfaz a curiosidade do Zé. "Então, não se passou nada?". E eu lá lhe conto como posso, mas ele torce o nariz. "Só isso? Então e as prisões, as metralhadoras, as bombas e a caça aos 'pides'?" O Zé acha que Espinho não passava de uma completa pasmeira, faltam-lhe os episódios emocionantes para compor títulos com cheiro a revolução, pelo que encolhe os ombros e não disfarça um olhar de desdém. O que é que eu lhe hei-de dizer?

### REACÇÃO TRANQUILA

Em 25 de Abril de 1974, Espinho tinha acabado de ser elevada a cidade e preparava-se para festejar a subida da sua equipa de futebol à primeira divisão nacional. Entre os seus habitantes contavam-se aqueles que tinham conhecido o amargo das prisões da PIDE, os jornais experimentavam o lápis azul da censura, muitas famílias choravam as vidas dos filhos ceifadas em África, a juventude começava a ousar e acreditava noutros valores. O pároco fazia das suas homilias um eco dos apelos à paz e editava um boletim algo incómodo. Do outro lado, estavam as figuras de proa do regime e os seus acólitos incondicionais, alguns dedicavam-se a denunciar os "perigosos subversivos" e encaravam os colóquios de cariz cultural como potenciais ma-

nifestações contra o "interece na Nação".

Naquela quinta-feira, as notícias chegaram devagar, a rádio repetia comunicados do MFA e não esclarecia as dúvidas, os jornais da tarde esgotaram num ápice e só com o telejornal, à hora de jantar, é que se começou a perceber alguma coisa. Em Lisboa, o regime fascista caía, os militares encheram as ruas da capital e o povo começou a usar os cravos, como símbolos de novas esperanças. Independentemente das tensões e das diferenças, Espinho reagiu com tranquilidade e só veio para a rua no domingo. A manifestação foi preparada por um grupo com experiência política, onde se encontravam os velhos resistentes e os novos quadros, aderindo outros que, como eu, não tinham uma consciência perfeita da situação, mas não queriam perder as oportunidades. E é neste ponto que deixo de traçar um quadro global, para confrontar o Zé com algumas das minhas recordações...

### A GOTA DE MEL

Aproveitando as iniciativas em curso na secção cultural da AAE, fomos convidados a participar na manifestação, com uma pequena peça de teatro, que já tínhamos estreado numa sessão dedicada ao Dia

Mundial da Juventude. Chamava-se "A Gota de Mel", tinha sido escrita, há muitos anos atrás, por Leon Chancerel e era uma alegoria que denunciava as guerras. A encenação era bastante simples e possuía os requisitos mínimos para atrair gente. Começámos, depois do almoço, junto à "lota do peixe", para trazer-mos connosco os habitantes do Bairro, seguimos pela esplanada e voltámos a representar na avenida oito, mesmo na esquina do Casino. Aí já se juntava uma pequena multidão, pelo que foi fácil subir a rua dezanove, quase em delírio, e ajudar a encher o largo da Câmara. Pela primeira vez, Espinho gritava os *slogans* que viriam a fazer história.

O Zé pode achar isto banalíssimo, mas eu vivi uma sensação única, a rua era nossa, não havia denunciantes ou ameaças de repressão, o palco era iluminado pela luz do dia e a felicidade parecia não ter limites. O gosto ficou e passei o resto do ano à volta com coisas de teatro, seguindo os ventos da revolução.

### SIMPLESMENTE MARIA

Tempos depois, o cinema do Casino exibia, em pleno domingo, uma versão sul-americana da história que abalava os corações, através da rádio, a novela "Simplesmente Maria". Transmitida desde 1973, com grande sucesso de público, correspondia, no nosso entender, a uma exaltação dos valores do regime deposto, pelo que se decidiu fazer um espectáculo de rua, para denunciar aquele símbolo do "conformismo" e da "alienação". Escrevi o texto na sexta-feira à noite, a malta gastou parte do sábado a ensaiá-lo e, na hora marcada, lá estávamos, em plena



"Descobríamos outras realidades e iam-nos descobrindo um pouco"

avenida, à fazer o julgamento da tal criada pobre que ficava rica e tinha muitos apaixonados. Não me lembro dos nomes de todos os intervenientes, sei que a Laura Maria fazia a dita cuja, o Paiva era um dos galãs, o Adriano era o juiz, o Pinhão era o advogado de acusação, em nome do Povo, e eu era o advogado de defesa, um fascista encapotado, como se haveria de descobrir. As pessoas ficaram surpreendidas, mas foram-se juntando e reagiram bem, ao princípio ainda se ouviram umas "bocas", mas depois vieram as gargalhadas e os aplausos calorosos. A rua estava, definitivamente, conquistada, os pensamentos, que tínhamos sido obrigados a abafar, soltavam-se, agora, sem amarras.

Será que o Zé continua a achar tudo isto banal e sem ponta de piada? Será que o nosso atrevimento, ao brincar com um êxito popular, não lhe merece mais do que um novo encolher de ombros? Talvez, mas eu continuo...

### AS BOAS FAMÍLIAS

Embalado com estas experiências, o grupo lançou as bases para a formação do Teatro Popular de Espinho e preparou a encenação de dois textos de um autor do século XVIII, vítima da Inquisição (Daniel Rodrigues da Costa). Fiz o primeiro esboço de adaptação, em que introduzia referências à actualidade e desancava no Estado Novo, submetendo-o à apreciação do colectivo. Tínhamos a orientação paciente do Domingos Oliveira, enquanto o grupo se descobria nas suas contradições e ia sobrevivendo à prova dos ensaios, que às vezes tinham público participativo e muito crítico. O Paiva e a Rosário faziam o par de criados, em representação do Povo, enquanto os restantes satirizavam uma série de figuras: o Zito era o filho toureiro, a Fernanda vestia o papel de filha sábia, a Laura Maria, a Palmira e a Isabel constituíam o trio da sociedade, o Paupério e o Augusto revezavam-se como espresário de tauromaquia, o Fausto aparecia como doutor Fagundes, cabendo ao Armando e ao Fernando assegurar o apoio técnico.

Eu fazia de pai, requintadamente reaccionário, o que me dava um grande gozo, pois era a maneira de criticar ideias e comportamentos aos quais era (e continuo a ser), visceralmente, avesso. As "Boas Famílias" estrearam em Águeda (entre Outubro e Novembro) e sucederam-se uma série de espectáculos, alguns dos quais inseridos nas campanhas de dinamização levadas a cabo pelo MFA, nas localidades e nos palcos mais incríveis. Apinhados na carrinha, conduzida e animada pelo Jorge, descobríamos outras realidades e iam-nos descobrindo um pouco.

Não imagino se o Zé continua com a sua máscara de soberba indiferença. Sei que estas lembranças não construíram a Revolução, mas fazem parte desse tempo, são momentos de descoberta e de encontro com outros valores. Descontando o inevitável saudosismo e o desencanto lógico (agravado quando constato, pelas fotografias, que eu era muitíssimo mais magro), ficou o prazer de ter aprendido muita coisa, nomeadamente qual o significado da palavra liberdade. Ao Zé, crescido em plena democracia, tudo isto lhe parecerá conversa para entreter. No entanto, ele sabe que nada é definitivo e que é preciso acreditar, para se seguir em frente. Sei, também, que estou a usar palavras gastas e fora de moda, mas nunca deixei de ser sincero. Tal e qual...



"Aprendi muita coisa, nomeadamente qual o significado da palavra liberdade"



Teatro Popular de Espinho estreia novo espectáculo

# Enterrar a guerra com o TPE

**O TPE traz-nos um novo espectáculo. A partir do original de Irwin Shaw, apresenta, à meia-noite do próximo dia 24, no Auditório Nascente, "Que vão os meus Generais fazer?", espectáculo que promete pela dinâmica estética que apresenta, e igualmente pelas surpresas reservadas a nível de banda sonora e cenografia utilizadas. O "Maré Viva" foi falar com o encenador do grupo, António Paiva, para, em jeito de antevisão, dar aos nossos leitores alguns pormenores da montagem da peça.**

**M**aré Viva: Como surge a escolha desta peça de Irwin Shaw para a montagem do novo espectáculo do TPE?

**António Paiva:** É um texto que eu conhecia já há bastantes anos e surgiu agora a oportunidade de o pôr em cena. Acho que a ideia da guerra é uma ideia forte para ser trabalhada. Não faltam conflitos por esse mundo fora, e que, agora, se tornaram mais visíveis com esta guerra na Europa. Daí a ideia de fazer este texto que também coincide com o número de actores.

Em termos de experiência teatral propriamente dita, foi um desafio transformar o Auditório numa sala diferente, colocando o público em vários sítios, diferentes do habitual, permitindo outra perspectiva do palco. Por outro lado, esta opção de fazer uma nova experiência estética e, também, a de pegar num tema premente que merece ser apresentado em palco para levar a uma certa reflexão, conduziram a esta decisão.

## UMA NOVA LINHA CÉNICA

**MV:** Porquê a escolha desta linha cénica onde se altera completamente a fisionomia da plateia do auditório? E, a nível de encenação, porquê a conjugação de duas correntes dramáticas norte-americanas distintas - o neo-realismo norte-americano, no

texto, e as correntes teatrais iniciadas nos anos sessenta pelo "Living Theatre", entre outros teatros de vanguarda, no trabalho de actor e na encenação?

**AP:** Esta sala, por ser um antigo armazém, sempre pediu outro tipo de teatro. Meter aqui um palco "à italiana" é esconder a sala. Esse teatro, de que falou, e que nos anos sessenta se começou a fazer em vários sítios do mundo, embora nos Estados Unidos talvez com maior força, nasceu precisamente da procura de outros lugares para outros públicos. Deixou-se o teatro apelidado de burguês para ir para as oficinas, para as fábricas, para os armazéns, para os mercados. E essas novas experiências de teatro surgem, precisamente, porque não havia a plateia de um lado e o palco do outro. O público normalmente era colocado em volta, e o espectáculo ia decorrendo não em palco, mas em superfície, e houve uma grande renovação da movimentação dos actores devido a esta circunstância.

## A AGRESSIVIDADE DOS 'DOORS'

**MV:** Este é um espectáculo que promete a nível de surpresas também no que toca à escolha de banda sonora.

**AP:** Os últimos espectáculos do grupo têm tido a música como uma das linhas de suporte. A música



'Que vão os meus generais fazer?'

funciona, de certa maneira, como um contraste em relação à época em que a peça foi escrita. Mas ela, aqui, é quase um mote do espectáculo, embora não seja sempre a mesma música, há um grupo que marca a encenação. Contudo, há momentos de ruptura em que utilizamos outro tipo de músicas.

**MV:** Aguçando um pouco o apetite ao público, porquê a escolha da música dos "Doors" como mote do espectáculo?

**AP:** Por um lado, porque para mim os "Doors" são uma referência importante dos anos sessenta. E porque os "Doors" têm uma certa agressividade, que tem algo a ver não com a guerra mas com instintos humanos de agressividade. E isso dá uma leitura difícil mas, por outro lado, interessante de deslindar, que é o não focar a guerra nos soldados, nos generais e nos políticos que decidem, mas

ir um pouco mais longe e considerar que qualquer um de nós pode ser um potencial soldado, alguém que sente, por incrível que pareça, necessidade de ser agressivo muitas vezes com outras pessoas. As circunstâncias, se forem muito graves, podem levar a poder ter prazer em matar, em sentir a sua força, porque alguém que mata outra pessoa revela a si próprio uma força imensa. E o nosso cérebro consegue funcionar a este nível, embora, por outro lado, o nosso cérebro também e a nossa cultura, de séculos de civilização, levam-nos a não deixar que estas zonas mais obscuras do cérebro venham ao de cima. Mas a verdade é que, se a gente for por esses países fora, não faltam pessoas cujo cérebro parece que funciona a nível primário em termos de agressividade e de necessidade de dominação de outra pessoa.

## "UM TEXTO MUITO FORTE CONTRA A GUERRA"

**MV:** Quanto ao texto, como descreve esta peça de Irwin Shaw?

**AP:** Por um lado, este é um texto muito forte contra a guerra. Por outro lado, é um texto algo datado. Foi escrito entre as duas guerras, releva de uma certa tendência marxista. Essa foi, aliás, uma das nossas dificuldades na dramaturgia: tornar actual o espectáculo com um texto que está um bocado marcado por uma época e por uma ideologia. Optámos por cortar partes do texto que eram demasiado datadas e, por outro lado, procurámos dar novos sentidos a partes do texto que, na altura, teriam uma leitura mais relacionada com essa ideologia e que hoje podem ter uma leitura mais aberta, mais sofisticada, mais complexa, mais crítica, inclusivamente, em relação a esse discurso.

**MV:** No seu original a peça intitula-se "Enterrai os mortos". Porquê a mudança do título?

**AP:** Pareceu-nos que esse título era um bocado tético e não era apelativo para o público. E, inclusivamente, como há uma certa renovação do texto, achámos legítimo encontrar também um novo título que se ajustasse mais ao espectáculo e não tanto ao texto em si.

**MV:** Quais as dificuldades que se colocaram na montagem desta peça?

**AP:** Em termos de encenação, foi descobrir a forma de trabalhar para este novo espaço, face a esta relação actor/público. Uma segunda dificuldade foi a permanência dos actores. Temos neste momento metade do grupo que estuda fora. Isso criou-nos muitos problemas na montagem, adiando, muitas vezes decisões e soluções. Para além disso, outra dificuldade residiu no facto de os actores irem fazendo várias personagens no decorrer da peça, e é di-

fícil fazer essa transição e, desde logo, feita essa transição, assumir o novo personagem completamente. E isto foi talvez o maior desafio para os actores.

## DIA 24, 24 HORAS

**MV:** A que se deve a escolha do dia 24 de Abril, às 24 horas, para a estreia?

**AP:** Esta era uma peça completamente impossível de representar antes do 25 de Abril. O texto era completamente proibido, o espectáculo não teria qualquer hipótese de ser apresentado. Achámos que seria uma forma muito interessante de marcar o 25 de Abril, por um lado fazendo o teatro - que foi aquilo que a gente veio fazendo sempre; e, por outro, mostrar um autor, um espectáculo, que eram irrepresentáveis. Talvez o fim da censura tenha sido uma das conquistas do 25 de Abril que de facto se manteve. E, nessa medida, acho que é uma boa forma de marcar a data e, por outro lado, não ficar marcado um esquema histórico de comemoração. Nós fizemos, aquando dos vinte anos do 25 de Abril, um espectáculo com o Coro, chamado "Cor de Abril". Foi, já nessa altura, uma espécie de balanço e de comemoração do 25 de Abril, e, nessa medida, hoje não teria muito sentido voltar a fazer uma coisa desse género. Os nossos vinte e cinco anos foram comemorados nessa altura. E iniciámos a partir daí uma época nova. Não teria sentido fazer agora um espectáculo comemorativo, mas acho muito curioso aproveitar esse momento para lembrar que a censura não existe e, felizmente, que as pessoas não saibam o que é isso. Mas é das coisas piores estar a ler um poema e saber que não o pode dizer em público, ou querer ler um autor e não ter qualquer acesso a esse autor porque o livro não pode ser vendido. ■

C.L.G.

Rádio Globo Azul

...A PURA SEDUÇÃO DA RÁDIO

RUA 14 N.º 648 - 3.º A - 4500 ESPINHO  
Tel. 7347216 / 7312303 - Fax 7348470

RESTAURANTE  
MARRETA

de Pedro Silva Lopes

Caldeirada e Cataplanas de Peixe  
Cataplanas de Tamboril  
Açorda e Arroz de Marisco

ACEITAM-SE ENCOMENDAS PARA FORA

Rua 2 N.º 1355/1361 • Tel. 7340091  
4500 ESPINHO • PORTUGAL

Bom Café... é  
da

Casa Alves Ribeiro

Rua 19, 294 - Espinho

tem fábrica própria

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição  
todo o serviço p/ Homem,  
Senhora e Criança

Rua 30, n.º 731 - ESPINHO  
Tel. 7341823



Futebol - II Divisão de Honra: U. Lamas, 2 - SCE, 2

# Muitos golos, pouco futebol

**U. LAMAS** **2**  
**SP. ESPINHO** **2**

ESTÁDIO Comendador Henrique Amorim, S.M. Lamas  
ARBITRO Martins dos Santos (Porto)

Mota	Nuno Sampaio
Armindo	Chico Silva
Gama	Gilmar
Marim	Filó / 59'
Magalhães	Marco Aleixo
Jorge Silva	Pedro
Sérgio Duarte	Carlos Pedro
Toni	Márcio Luís / 66'
Moisés	Tozé / 73'
Frederico / 59'	Artur Jorge
Nilson / 82'	Moura
<b>Manuel Correia</b>	<b>Carvalho</b>
Ivo	Luís Póvoa
Torrão / 82'	Duca
Palancha	Filipe / 59'
Dani / 90'	Agostinho / 73'
Riça / 59', 90'	Paulão / 66'

**DISCIPLINA**  
**cartão amarelo** Carlos Pedro (36'), Armindo (45'), Gilmar (71'), Filipe (75'), Pedro (83')  
**vermelho** Armindo (64')

**GOLOS** 1-0 Nilson (35'), 2-0 Torrão (83'), 2-1 Paulão (88'), 2-2 Gilmar (89')

União de Lamas e Sp. Espinho protagonizaram um fraco jogo de futebol, pelo que os golos (quatro) acabaram por ser autênticos oásis no deserto de ideias evidenciado pelas duas formações.

Para além de um derby regional, este Lamas-Espinho tinha outros factores para se pensar que ia haver jogo grande, já que ambas as formações tinham necessidade premente de vencer para poderem continuar a alimentar ilusões; os da casa para fugir à despromoção e os "tigres" para voltarem a engrossar o lote de candidatos à subida de divisão.

Mas, em vez de serem duas equipas atrevidas à procura da vitória, o que tivemos foi uma espécie de jogo do gato e do rato, com cada uma a tentar iludir o inimigo e desferir o golpe fatal. No futebol, a isto chama-se ter medo de perder. E quando duas equipas têm medo de perder o jogo só pode mesmo dar em zero - foi o que deu. Por isso entendemos que houve futebol a menos para tantos golos.

É certo que o Espinho, equipa servida por melhores unidades e melhor posicionada na tabela



classificativa, procurou, na fase inicial, chamar a si o comando do jogo e a aproximação à área contrária, mas isso foi sol de pouca dura e não demorou muito a os "tigres" encolherem as garras. Aproveitou o Lamas para sair da pressão e, meio desconfiado, foi até ao meio-campo contrário, e isso acabou por lhe valer o golo inaugural do encontro.

Para a etapa complementar, o Espinho entrou decidido a mudar o rumo dos acontecimentos, mas continuou pouco imaginativo, per-

dendo-se com frequência na teia montada pelos lamacenses no meio-campo. O jogo voltou a amolecer, e os locais, sem saber muito bem como, fizeram o 2-0, com a vitória quase garantida.

Mas faltou o "quase", e o Espinho, também sem saber ler ou escrever, em minuto e meio acabou por conseguir o que não havia conseguido em oitenta e oito minutos. O Lamas, por culpa própria, acabou por deixar fugir uma vitória que era muito importante para lutar pela manutenção. ■

## Futebol juvenil

### Juniores quase no 'Nacional'

Após a vitória de 2-1 ante o Águeda, os JUNIORES do Sp. Espinho estão com um pé no Nacional da categoria. Porém, a vitória dos espinhenses não foi fácil e só ganhou corpo na segunda parte. Nos primeiros 45 minutos, os forasteiros souberam tapar bem os caminhos em direcção à sua baliza, impedindo que os "tigres" tivessem espaço para rematar com perigo. Na segunda parte, no primeiro quarto de hora, o Sp. Espinho fez dois golos e praticamente assegurou a vitória, mas o Águeda nunca desistiu e conseguiu reduzir a desvantagem, obrigando os espinhenses a estar atentos para garantirem a conquista de mais 3 pontos. Em INICIADOS, a equipa A foi vencer o Lobão (3-2), mantendo o 2.º lugar, a dois pontos do Esmoriz, que lidera a prova. A formação B perdeu, por 1-3, no terreno do Milheirense. Os INFANTIS, que têm vindo a subir de rendimento nas últimas jornadas, foram a Lourosa bater a formação local, por quatro bolas a uma. As ESCOLAS continuam na senda do êxito. Desta feita, receberam e venceram o CRECOR, por 4-0. ■

## Futebol popular

### Provas interconcelhias

Os campeonatos concelhios voltaram a parar para dar lugar à primeira mão das meias-finais das Taças interconcelhias, que de uma forma geral correu de feição para as equipas espinhenses.

Para a Taça dos Campeões, os Águias de Paramos foram à Póvoa empatar a uma bola no terreno do Argivai, resultado que abre boas perspectivas à formação paramense para se apurar para a final.

Na Taça das Taças, defrontaram-se Magos e Leões e empataram a duas bolas, ficando tudo em aberto para o segundo jogo, a realizar em Silvalde no dia 8 de Maio. Para já, há uma ligeira vantagem a pender para os silvaldenses, que marcaram dois golos fora e estiveram mesmo a vencer por 2-0. Quanto à Taça Federação, as duas equipas espinhenses regressaram a casa com o sabor da derro-

ta, mas há ainda 90 minutos para recuperar o prejuízo, que até nem é muito. Em Santo Tirso, a Associação de Esmojães perdeu com o ABCD por 1-0, enquanto em Vila do Conde o Cantinho perdeu, por 1-2, com o Touguinha. Desvantagem escassa que as duas formações espinhenses podem perfeitamente recuperar nos jogos da 2.ª mão.

**QUINTA VOLTA A GANHAR** - Entretanto, realizou-se o jogo-repetição entre o Desportivo da Ponte de Anta e a Quinta de Paramos, referente à 14.ª jornada. Tal como já havia acontecido no primeiro jogo, a formação de Paramos, actual líder da 1.ª divisão, venceu, desta feita, por 3-0, aumentando assim para quatro os pontos de avanço para o segundo classificado. ■

## RESULTADOS

### 1.ª DIVISÃO jogo-repetição

D.P. Anta - Qt.ª Paramos ..... 0-3

## CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	P
Qt.ª Paramos	22	14	6	2	48
Ág. Paramos	22	12	8	2	44
Cantinho	22	13	5	4	44
Magos	22	12	5	5	41
Rio Largo	22	12	3	7	39
Leões	22	10	5	7	35
Ág. Anta	22	9	8	5	35
Ass. Esmojães	22	7	8	7	29
Corredoura	22	6	7	9	25
Império	22	6	6	10	24
Cruzeiro	22	6	4	12	22
Académico	22	3	6	13	15
D.P. Anta	22	4	1	17	13
E. Vermelhas	22	1	6	15	9

## Futebol de cinco: Novasemente em 2.º lugar

### Derrota no 'quadrado'

A Novasemente não foi feliz na sua deslocação ao terreno do Chelo (Coimbra), acabando derrotada, por 4-5, resultado que apeou a formação espinhense do primeiro lugar. Num campo quase quadrado (26x20 metros), a Novasemente sentiu muitas dificuldades de adaptação e aos dois minutos já perdia, por 2-0. Com o decorrer do jogo, o conjunto de Esmojães, já mais habituado às dimensões do recinto, foi equilibrando a partida e conseguiu chegar à igualdade. E, a cada golo dos conimbricenses, respondeu a Novasemente com novo golo, acabando o resultado por chegar ao intervalo numa igualdade a quatro bolas.

Na segunda parte, as duas equipas demonstraram receio de perder, baixando assim a qualidade do espectáculo. Acabou por ser a formação de Coimbra a aproveitar um erro defensivo do conjunto espinhense para chegar à vitória. A derrota da Novasemente acaba por ser um castigo para a falta de audácia demonstrada pela equipa ao longo de todo o segundo tempo. ■

## ELVIRA SILVA

Especialista de dermatologia  
e venereologia  
(doenças da pele)

CONSULTÓRIO: Rua 11 n.º 746 - Telef. 7343467

## Ágata

CALÇADO PARA HOMEM  
MALAS - CARTEIRAS - BIJUTARIAS  
ARTIGOS DE VIAGEM - MARROQUINARIA

Rua 14, n.º 750 - Tel. 7345 633 - 4500 ESPINHO

## ÓPTICA DE ESPINHO

ÓPTICA MÉDICA - LENTES DE CONTACTO

EXECUÇÃO DE TODO  
O RECEITUÁRIO MÉDICO



LENTES DE CONTACTO  
C/ TRATAMENTO

FORNECEDOR OFICIAL DOS SERVIÇOS SOCIAIS

- RUA 23 N.º 836 - TELEF. 7346717 - 4500 ESPINHO -

## Óptica de Esmoriz

ÓPTICA MÉDICA - LENTES DE CONTACTO

EXECUÇÃO DE TODO O RECEITUÁRIO MÉDICO

Lugar da Vinha - 3885 ESMORIZ - (Junto à Policlínica)



**A.Z.V. - AUTO PNEUS, LDA.**  
ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Lavagem • Serviço de Pneus • Lubrificação e mudança de óleo

R. Indústrias, 217 - S. Félix da Marinha (Monte Lírio) - Telef. 7311095 - Fax 7311096

## INFOANIM

Publicidade Assistida por Computador, Lda

COMPUTADORES  
IMPRESSORAS  
ANIMAÇÃO 2 / 3D  
MULTIMÉDIA

PC  
MAC  
AMIQA



RUA 19 N.º 305,  
4500 ESPINHO  
TEL. (02) 7312057  
FAX. (02) 7312312



Hóquei em campo

**AAE, 8 - Vilanovense, 1**

Graças à sua melhor exibição da presente temporada, a Académica de Espinho goleou o Vilanovense por 8-1, numa partida disputada no piso sintético do União de Lamas.

Já mais adaptados à mudança da sala para o campo, os academistas realizaram uma excelente exibição e superiorizaram-se totalmente ao conjunto gaiense, que raramente teve tempo e espaço para sair do seu meio-campo defensivo.

Fruto natural do seu domínio, os "mochos" já venciam por 3-0 ao intervalo, ficando por marcar mais três ou quatro golos. Na etapa complementar, a formação espinhense continuou a dominar, acentuando-se cada vez mais a diferença no marcador. Neste período, os academistas marcaram por mais cinco vezes, tendo o Vilanovense respondido com o tento de "honra".

Após esta jornada, a Académica está instalada na segunda posição, a um ponto do primeiro, e só depende de si para se apurar para a fase final do campeonato nacional da 1.ª divisão. ■

Hóquei em patins

**Riba D'Ave, 4 - AAE, 2**

A Académica de Espinho não conseguiu evitar a derrota (2-4) na sua deslocação ao recinto do Riba D'Ave, mas mesmo assim mantém a liderança na 2.ª divisão (Zona Norte), embora agora somente com dois pontos de avanço, numa altura em que falta disputar quatro jogos.

Num recinto onde a pressão dos adeptos locais torna em regra o ambiente hostil para os visitantes, os academistas sentiram dificuldades redobradas, embora os seus jogadores tenham evidenciado uma postura digna, o que não impediu que um deles acabasse por ser agredido.

Entrando de rompante, o Riba D'Ave acedo se instalou no meio-rinque dos academistas e com isso acabou por inaugurar o marcador. Todavia, o conjunto espinhense foi-se recompondo e, aos poucos, equilibrou a partida, chegando ao empate a uma bola, resultado com que se chegou ao intervalo.

Na etapa complementar, foram de novo os locais a tomar a dianteira do marcador após alguma pressão exercida sobre os academistas, mas estes, tal como na primeira parte, conseguiram equilibrar a contenda e com justiça chegaram à igualdade (2-2). A partir daqui, com a complacência da arbitragem, os minhotos utilizaram todos os métodos para chegar à vitória, enquanto os "mochos" procuravam a todo o custo manter a igualdade. Surgiu novo golo para as hostes do Riba D'Ave e de pronto, como que impulsionada por uma mola, a equipa academista veio à procura de nova igualdade, acabando, contudo, por ser a formação local a dilatar a vantagem para dois golos, fazendo o quatro-dois com que se chegou ao final da partida. ■

Voleibol: à quarta foi de vez!...

**'Tigres' são pentacampeões**

Ao quarto jogo, o Sp. Espinho venceu o Castelo da Maia por 3-0 e fez o 3-1 no play-off final do Campeonato Nacional de Voleibol Masculino A1, conquistando o décimo segundo título da sua história, que lhe assenta como uma luva e dá expressão à sua superioridade, demonstrada ao longo da época.

Depois da vitória (3-0) dos maiatos no jogo anterior, disputado em Espinho, cresceu a expectativa quanto ao campeão nacional desta temporada, com os maiatos a fazerem acreditar que tinham argumentos para quebrar a hegemonia dos "tigres" nas temporadas transactas.

Talvez por isso o pavilhão da cidade maiata se encheu como um ovo na expectativa de presenciar um duelo sem tréguas. No primeiro set, após um início com toada de equilíbrio, os "tigres" mostraram-se mais determinados e, aos poucos, foram ganhando vantagem no marcador, e, com naturalidade, fecharam com um claro 15-6.

No segundo parcial, a história foi a fotocópia do anterior: muito equilíbrio até determinada altura (8-8) mas, depois, o conjunto maiato voltou a evidenciar muita intranquilidade nos momentos decisivos, enquanto os "tigres" arriscavam no serviço e eram demolidores no ataque. Sem poder de resposta, os da "casa" não conseguiram "meter" mais um ponto, enquanto o Sp. Espinho disparou até 15-8.

Os maiatos entraram para o terceiro set "com a carne toda no assador" e chegaram a dar a ideia que eram capazes de adiar por mais um jogo a decisão do título. Com segurança, foram fazendo ponto atrás de ponto e colocaram-se em vantagem, por 11-2. Sem se entender a razão, seguiu-se o descalabro. O Sp. Espi-

contrastava com a tristeza sentida dos maiatos. O treinador do SCE, Ilídio Ramos, não escondia a sua euforia por mais um título conquistado, que "era inteiramente merecido, já que, ao longo da temporada, a nossa superioridade nunca esteve em dúvida, a não ser nos mais cépticos". E concluiu: "Esta é a

alegria mal a equipa faz o décimo quinto ponto no terceiro set, afirmando que "a conquista deste campeonato pelo Sp. Espinho é inteiramente justa pelo que a equipa fez ao longo do ano, sendo claramente superior a todos os adversários". Referindo-se ao que se passou no terceiro set, o capitão dos espinhenses não teve dúvidas em afirmar que "houve desconcentração dos jogadores que confiaram em demasia nas facilidades encontradas nos dois primeiros parciais. Contudo, fomos capazes de rectificar e, ponto a ponto, conseguimos recuperar, acabando a vitória por ter um sabor especial, já que não é qualquer equipa que, num jogo de decisão de título, consegue tão significativa viragem no marcador". ■



Espinhenses festejaram quinto título consecutivo

nho foi crescendo e recuperando no marcador, acabando por chegar à igualdade em 12-12. Era a festa do "penta" anunciada, que chegou três pontos depois, quando os "tigres" fizeram o 15-12.

**ILÍDIO RAMOS: "A VITÓRIA DA DETERMINAÇÃO"**

Finda a partida que valeu ao Sp. Espinho a conquista do "penta", era enorme a alegria reinante nas hostes espinhenses, que

vitória da determinação, de um grupo de trabalho coeso que nunca foi vulnerável a uma ou outra armadilha que lhe montaram pelo caminho. Pelo carácter demonstrado ao longo do campeonato, este título assenta-lhe bem".

**MIGUEL MAIA: "INTEIRAMENTE JUSTO"**

O capitão dos "tigres", Miguel Maia, que com este título soma o nono da sua carreira, transbordava de

Ténis em Espinho

**AXA Open começa segunda-feira**

Foi apresentada na pasada terça-feira, no Complexo de Ténis de Espinho, o AXA Open'99, prova que vai decorrer de 26 de Abril a 2 de Maio.

Como referiu um dos membros da organização, este evento é uma das poucas (16) provas mistas que se disputam em todo o mundo, sendo o segundo maior certame que se realiza em Portugal, com um prize-money de 150 mil dólares (cerca de 28.800 contos).

Os tenistas inscritos no AXA Open, nos sectores masculino e feminino, representam vinte países, de todos os continentes. Embora nenhum português tenha entrada directa no quadro principal, a direcção da prova já convidou Nuno Marques, João Cunha e Silva, Frederica Piedade e Ana Catarina Nogueira.

Tal como aconteceu em anos anteriores, a edição deste ano promete, mais uma vez,

ser uma rampa de lançamento para a glória, já que só seis dos tenistas inscritos com entrada directa têm mais de 25 anos e entre os mais novos há vinte jogadores que contam no seu palmarés com um título na categoria Challenger ou mesmo ATP. No sector masculino, a lista de participantes é encabeçada pelo austríaco Markus Hipfl, que em Março atingiu as meias-finais do torneio de Casablanca. Na vertente feminina, a lista é comandada pela argentina Paola Suarez (que conta com um título do WTA Tour na sua carreira) e pela austríaca Barbara Schwartz (campeã feminina do Estoril Open em 1998). ■

**Desapareceu** no dia 13/04/99, pelas 19 horas, um **CÃO PEQUENO, RAÇA PEQUINOIS** (não pura), de cor castanha, e com uma mancha branca no peito.

Gratifica-se a quem o entregar na Rua 29 n.º 458, 2.º Esq.º., podendo também contactar os donos através do telefone 02-7341620 ou dos telemóveis 0931-233186 e 0931-7304258.

**CASA ALVES RIBEIRO**

da Rua 19, 294 - Espinho  
tem dos maiores sortidos do país em **Vinhos do Porto** datados, correntes, de mesa, **Aguardentes Velhas e Whiskies**

Armações  
Lentes de Contacto  
Óculos de Sol

MARCAMOS CONSULTAS PARA MÉDICO OFTALMOLOGISTA

EXIJA OS CUIDADOS DE UM PROFISSIONAL  
OS SEUS OLHOS VÃO VER A DIFERENÇA

TESTE DE VISÃO GRATUITO

Ângulo Ruas 21 e 18 - tel: 7314867 - ESPINHO



**MARACANÃ**

RESTAURANTE . SNACK-BAR  
Nova Gerência

Bacalhau à Maracanã  
CHURRASQUEIRA  
Serviço à Lista  
Prato Económico (2.ª a 6.ª feira)

Rua 23 n.º 903 - Ângulo da Rua 30  
Telefone 7321809



Agora com  
novas e modernas  
instalações

GARANTIA • PREÇO • QUALIDADE  
RAPIDEZ • ESTACIONAMENTO  
PESSOAL ESPECIALIZADO • TÉCNICA

Abertos  
aos sábados  
de manhã

Lugar de Miros - Zona Industrial - Silvalde - 4500 Espinho  
Telefone 02 - 732 12 76 • Fax 02 - 731 03 12





A. CORREIA DE ARAÚJO

## Vinte e Cinco

Hoje começo pelo título: vinte e cinco.

Vinte e cinco é, ou parece ser, um número mágico. Pelo menos para os portugueses.

Vinte e cinco anos se passaram.

Vinte e cinco anos de um século que (agora) se despede de mãos dadas com o milénio.

Vinte e cinco anos de um século tremendo, avassalador e vertiginoso.

Um século capaz do tudo ou nada, um século capaz do pior e do melhor.

O século das duas guerras mundiais (esperemos ficar por aqui), do Holocausto, do Arquipélago Gulag, do Tarrafal, de Timor ou do Kosovo.

O século de Fátima, da Revolução Russa, do Titanic, dos OVNI's ou dos fenómenos paranormais.

O século da realidade virtual e da violência virtual.

O século do fim da tuberculo-

se... e do seu reinício.

O século da penicilina, da vacina contra a poliomielite, da pílula contraceptiva, do pacemaker, da engenharia genética, da inseminação artificial e da SIDA.

O século da Rádio, da Televisão, do Computador.

O século do "nuclear", do homem no espaço, do laser, do satélite de comunicações.

O século do Rato Mickey, da "Lego" e do "Monopoly".

O século da emancipação feminina, da mini-saia e do biquíni.

Ah!! E já agora, porque estou com ambos entre as mãos, também o século da esferográfica e do café instantâneo.

Este foi um século de grandes e profundas transformações e o 25 de Abril, como que pé ante pé, instalou-se e despontou para este seu quarto final.

Participou dele e passou a fazer parte da sua história.

Não tenho qualquer dúvida em afirmar que muitos dos

grandes e importantes acontecimentos políticos deste último quarto de século foram uma decorrência do 25 de Abril e da sua proeminente influência: a aceleração do processo de transição para a democracia na vizinha Espanha e a preponderância que esta, por sua vez, teve na queda de algumas ditaduras sul-americanas são, disso mesmo, exemplo.

Assistimos nestes dois últimos 25 anos ao fim de algumas ditaduras, em particular na América latina e no Leste Europeu, e atestamos a morte do "Apartheid".

Vimos, no entanto, o ressurgir de novas outras, fazendo-nos lembrar que as ditaduras são um pouco como certas pragas ou doenças que, pensando-se extintas, renascem escudadas noutras estirpes ou pretextadas em mutações várias.

Apesar de tudo, num balanço de duas décadas e meia, pode-

mos considerar que há menos ditaduras e menos ditadores.

Surgiram, isso sim, novas formas de agrilhoamento ou de aprisionamento.

Falo, por exemplo, dos jovens e das crianças.

Os jovens dos anos 60 tinham, na liberdade sexual, uma das suas bandeiras que os jovens de hoje dificilmente erguerão, cativos que são do espectro ou mesmo da realidade nua e crua da já denominada doença do século.

As crianças do meu tempo brincavam. Sim, brincavam!

E faziam-no de forma imaginativa, criativa e inventiva. Os mais pobres, os mais humildes, criavam e construíam os seus brinquedos. Brinquedos de madeira, de papel, brinquedos de tudo e de nada.

Edificavam os seus próprios sonhos a partir do nada, ou quase nada, e mergulhavam no caleidoscópio da fantasia.

Outros, contudo, conduziam a sua imaginação por processos mais sofisticados.

Quem não se lembra do "view-master" e dos quadrinhos por onde passavam as imagens em carrocel da Gata Borralheira ou da Branca de Neve, fazendo rodopiar a ilusão, o fantástico e o imaginário que havia em cada um de nós?!

Os meninos de hoje, porém,

estão presos a um écran de televisão ou amarrados a jogos de computador.

São reflexos, um tanto ou quanto perigosos, dos nossos dias.

Que outros, porventura bem mais perigosos, existiam também há 25 anos, para onde aliás me dirijo agora procurando responder à sacramental pergunta: ...Onde estavas no 25 de Abril de 1974?

Bom, por essa altura tinha mais cabelo e seguramente estava bem mais comprido, usava calças à boca de sino, ouvia os Genesis e o seu mais recente trabalho em vinil "Selling England By the Pound", a televisão transmitia invariavelmente a duas cores, atingia o seu expoente máximo com o Festival da Canção e pelo Verão brindava-nos com touradas à quinta-feira.

Eu, rapaz de 16 anos, via adensar-se num horizonte cada vez mais próximo uma possível ida para o Ultramar, para a guerra, já se vê.

Estava cá e por cá esperava, como tantos outros, que acontecesse um milagre.

E tive sorte, saíu-me o Vinte e Cinco, aquele número mágico, milagroso.

Por isso termino como comecei.

Pelo título: vinte e cinco.

Sempre! ■



MUNICÍPIO DE ESPINHO  
CÂMARA MUNICIPAL

# 25 DE ABRIL

# 25 ANOS

O Presidente da Câmara Municipal de Espinho, José Mota, convida toda a população do Concelho a associar-se às cerimónias comemorativas do 25 de Abril, nomeadamente à inauguração da estátua evocativa daquela efeméride, da autoria do escultor espinhense Manuel Dias, às 11 horas na Praceta da Rua 33.

O PRESIDENTE DA CÂMARA